

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL - (PGLB)
MESTRADO EM LETRAS

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS DO HOMOEROTISMO:

O jornal Lampion da Esquina (1978-1981) e a construção de subjetividades homoeróticas no
Brasil contemporâneo

Bacabal-MA

2022

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS DO HOMOEROTISMO:

O jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981) e a construção de subjetividades homoeróticas no Brasil contemporâneo.

Dissertação de Mestrado direcionada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal-PGLB da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris.

Bacabal-MA

2022

FAUSTINO, Natanael Araújo.

CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS DO HOMOEROTISMO: : O jornal
Lampião da Esquina 1978-1981 e a construção de
subjetividades homoeróticas no Brasil contemporâneo /
Natanael Araújo FAUSTINO. - 2022.

84 p.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,
Bacabal, 2022.

1. Homoerotismo. 2. Lampião da Esquina. 3.
Literatura. 4. Subjetividades. I. Silva Neris,
Wheriston. II. Título.

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS DO HOMOEROTISMO:

O jornal Lampião da Esquina (1978-1981) e a construção de subjetividades homoeróticas no
Brasil contemporâneo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia da Universidade Federal
do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Drº Wheriston Silva Neris (Orientador)
PPGLB-UFMA

Prof. Drº Rubenil da Silva Oliveira
PPGLB-UFMA

Profa. Dra. Maria Edileuza Costa
(PPGL - UFAL)

“Oh, there ain’t no other way, baby, I was born this way, I’m on the right track, baby, I was born this way” - Lady Gaga, Born This Way.

AGRADECIMENTO

Sinto-me extremamente grato a todos e a tudo que me fizeram chegar até aqui, por toda força, todos os conselhos, ajuda, críticas e até mesmo às barreiras, elas foram fonte de força para que eu pudesse pensar em formas de derruba-las.

Agradeço a meus pais, Dona Lena e Seu Assis, que mesmo em outra cidade sempre me apoiaram e me motivaram, com palavras ou até puxões de orelha. As minhas irmãs, Mayara e Marieely que sempre tem uma fofoca boa para aliviar as tensões, os amigos sempre prontos para dar uma opinião, ajudar no que for preciso e tomar uma cerveja para desopilar a mente, Jardel Filipe e Carmosina temos muitos vinhos a tomar. Sou grato aos professores da Universidade Federal do Maranhão, aos que deixei em Codó-MA no período da graduação, mas que sempre me apoiam e ajudam, e aos do campus de Bacabal-MA, em especial do Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLB, por acrescentarem ainda mais conteúdo, por auxiliarem e estarem sempre dispostos a tirar dúvidas. Sem deixar de citar os companheiros de luta no mestrado, nossa turma pioneira que deu abertura a tantos que já chegaram e estão por vir, obrigado Mirlene, Layse, Thamberg, Francinaldo, Tina e Fernanda.

Ao meu orientador Wheriston Neris, por toda paciência em ensinar, por não me deixar desistir e sempre se ajudar com o que preciso em relação a esta árdua pesquisa, obrigado por ser presente e te parablenizo pelo ótimo profissional que és, por tudo que repassa de forma tão simples, porém muito profunda. Estes anos não foram fáceis, mas te agradeço por eu estar aqui, por tua insistência e colaboração.

Obrigado a todos que de certa forma me ajudaram a estar aqui.

Resumo

O objetivo da presente dissertação é explorar a heterogeneidade literária e a economia discursiva do jornal *Lampião da Esquina*, periódico veiculado nacionalmente entre abril de 1978 e junho de 1981, ao abordar temas e subtemas homoeróticos. Inspirado pelas perspectivas abertas nos chamados Estudos Culturais (BARCELLOS, 2006; PONTES JR., 2014; RAMALHO; RIBEIRO, 1998) e, sobretudo, nos estudos foucaultianos (FISCHER, 1996; 2015; FOUCAULT, 2014; TANGANELLI, 2019), interessa-nos compreender tanto as condições sociais de emergência do jornal, quanto as formas pelas quais explorava as fronteiras entre o literário e o não-literário e como os sujeitos do discurso, os perfis e sentidos do homoerotismo foram articulados discursivamente, descritos e pensados em suas colunas literárias. A opção pela noção de configurações homoeróticas retira daqui toda a sua pertinência para designar um processo dinâmico e não essencialista, que se realiza na e pela linguagem no momento mesmo em que é enunciada (BARCELOS, 1998). Assim, ao abordar as 40 edições do *Lampião*, procuramos compreender como ali se constituíam diferentes modos e cenas enunciativas, como se organizavam técnica e discursivamente a pluralidade de vozes dos sujeitos, constituindo uma arquitetura discursiva polifônica que teve um papel decisivo na moldagem de subjetividades homoeróticas no Brasil contemporâneo.

Palavras-Chave: *Lampião da Esquina*; Homoerotismo; Literatura; Subjetividades.

Abstract:

The aim of this dissertation is to explore the literary heterogeneity and the discursive economy of the newspaper *Lampião da Esquina*, a periodical published nationally between April 1978 and June 1981, in dealing with homoerotic themes and sub-themes. Inspired by the perspectives opened in the so-called Cultural Studies (BARCELLOS, 2006; PONTES JR, 2014; RAMALHO; RIBEIRO, 1998) and, above all, in Foucauldian studies (FISCHER, 1996; 2015; FOUCAULT, 2014; TANGANELLI, 2019), we are interested in understanding both the social conditions of the newspaper's emergence and the ways in which it explored the boundaries between the literary and the non-literary and how the subjects of discourse, the profiles and senses of homoeroticism were discursively articulated, described and thought about in its literary columns. The option for the notion of homoerotic configurations draws all its pertinence from here to designate a dynamic and non-essentialist process, which takes place in and through language at the very moment it is enunciated (BARCELOS, 1998). Thus, by approaching the 40 editions of *Lampião*, we seek to understand how different enunciative modes and scenes were constituted there, how the plurality of subjects' voices were technically and discursively organized, constituting a polyphonic discursive architecture that played a decisive role in shaping homoerotic subjectivities in contemporary Brazil.

Keywords: *Lampião da Esquina*; Homoeroticism; Literature; Subjectivities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAP 1. - HOMOEROTISMO E LITERATURA: aportes teóricos, deslocamentos e novas perspectivas	15
1.1 Entrando no Debate: Sobre as vantagens dos termos erótico e homoerotismo.	15
1.2 Literatura Gay ou Homoerótica? Elementos de um debate recente	22
CAP. 2 – AS RECOMPOSIÇÕES DA IMAGEM HOMOSSEXUAL: Estigmas históricos, politização recente e surgimento de uma imprensa dissidente no Brasil	27
2.1 Estigmas históricos e discursos anti-homossexuais na moldagem de subjetividades.	27
2.2 O nascimento do movimento gay e sua chegada no contexto brasileiro.	32
2.3 Uma abertura necessária à escrita da imprensa homossexual.	38
CAP. 3 – A ECONOMIA DISCURSIVA DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA: Surgimento, estrutura, sujeitos de fala e homoerotismo em colunas literárias	43
3.1 A luz do lampião se acende.....	43
3.2 É lançado o Número Zero.	48
3.3 Explorando a materialidade do jornal.	51
3.4 As temáticas abordadas e sua disposição nas páginas.	57
3.5 O nu, o corpo, o marketing e o pornográfico.	62
3.6 O homoerotismo nos textos literários do lampião da esquina.	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

Entre os marcos de emergência do movimento de afirmação homossexual no Brasil figura, sem sombra de dúvidas, o Jornal *Lampião da Esquina*, periódico veiculado nacionalmente entre abril de 1978 e junho de 1981. Notabilizado por tematizar e desconstruir de maneira central os enunciados discursivos hegemônicos sobre a sexualidade no espaço midiático brasileiro, esse jornal constituiu um dos principais espaços de abertura para minorias e de visibilização de sexualidades dissidentes, em um momento crítico de acirramento da Ditadura Militar e de forte censura aos principais jornais, prisões e tortura de jornalistas, incluindo a imprensa alternativa (PÉRET, 2012). Posicionando-se ao lado de outros jornais da mesma época, tais como, *Gente Gay* de 1976, *Entender* de 1977 e o *Mundo Gay* e o *Jornal dos Entendidos*, *Lampião da Esquina* procurava assumir uma posição francamente provocativa ao evocar em seu título a fusão entre a representação de um gay que vivia na Esquina e a figura destemida do Rei do Cangaço, tomado como um símbolo nacional, como bem recorda James Green (2000).

Reunindo um corpo editorial composto por intelectuais homossexuais com notável circulação internacional e reconhecidos em diversos campos de atuação profissional (cineastas, jornalistas, críticos literários, docentes, artistas, tradutores) – não estranha, pois, que as credenciais destes tenham sido apresentadas desde a sua primeira publicação – o jornal *Lampião da Esquina* objetivava discutir a “experiência homossexual em todos os campos da sociedade”, com o fito de romper as “muralhas do gueto” em que se encontrariam os homossexuais, liberando as falas sobre a “sexualidade” e denunciando a “discriminação”, o “medo”, os “interditos” e os “silêncios” a que eram condenados esse sujeitos. Como destacado no número zero do jornal, na coluna intitulada “Saindo do Gueto”:

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê? A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando ao "assumir" a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento. Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa

é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras. (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 02)

Trata-se, pois, de uma compreensão sobre a experiência homossexual que é multidimensional e que, embora estruturada em torno de uma orientação sexual comum, extravasa os seus limites para designar um estilo de vida e uma forma de presença no mundo.

Ao longo dos três anos e meio em que foi publicado (40 edições, 3 especiais e 37 regulares, além do número zero), o jornal obteve amplo sucesso editorial, chegando mesmo a emplacar uma tiragem de 15.000 exemplares distribuídos em todo o Brasil. Entre as várias razões desse êxito, é provável que esse produto enunciativo tenha se distinguido não apenas pela novidade dos temas abordados, como também pela heterogeneidade discursiva que atravessa a própria composição do tabloide (SOUTO MAIOR JR., 2016). Grosso modo, além do editorial, o jornal trazia reportagens, artigos, informações e análises de obras literárias, histórias narradas, entrevistas, cartas de leitores, fotos, pinturas, charges, caricaturas, distribuídas por diversas seções, em que diferentes sujeitos falavam e eram falados de maneira inevitavelmente diversa, dispersa e com efeitos discursivos variados. Visto em conjunto, o jornal reúne, pois, uma base material sobre a qual se apoiam diferentes formas de manifestação e construção de subjetividades, associadas aos distintos sujeitos de fala e aos diferentes padrões de consumo, opções estéticas, posições políticas, perspectivas culturais, etc.

As peculiaridades que talvez explicam sucesso do jornal ao longo do curto período de publicação no final da Ditadura Militar certamente encontram-se na base de seu reconhecimento posterior, consagrado como marco memorialístico do movimento gay no Brasil e objeto de uma vastíssima produção bibliográfica por atores sociais diversos, empregando diferentes linguagens e inscritos em campos disciplinares tão variados quanto a História, Sociologia, Antropologia e Jornalismo (TANGANELLI, 2019). A começar pelos próprios membros do conselho editorial cujas afinidades com a produção escrita, a experiência pessoal e o próprio reconhecimento posterior constituem pesados incentivos para a redação de livros de memória, entrevistas, pesquisas acadêmicas, publicações e documentários concernentes ao seu passado, ao jornal e à experiência homossexual (TREVISAN, 2011). Entre seus redatores também encontramos poderosos expoentes da emergência, afirmação e institucionalização no espaço acadêmico brasileiro dos chamados “estudos gays e lésbicos”, Estudos LGBT’s ou sobre homoerotismo e literatura (BARCELLOS, 2006), fenômeno este que pode ser identificado em praticamente todos os centros pioneiros de debate sobre o tema, o que levanta a questão da circulação de conceitos dentro e fora da universidade, os paralelismos nos debates de categorias

que atravessam esse domínio de estudos e os amálgamas entre os debates epistemológicos e as tomadas de posição política. Em certa medida essa combinação de elementos marca a recente e não menos expressiva proliferação de artigos científicos (MARIUSSO, 2013; DE FREITAS SILVA & DE ASSIS RUBIO, 2019), os quais servem de indicativos do reconhecimento que temos mencionado, mas que, ao mesmo tempo, servem como poderosos desestímulos aos jovens pesquisadores que desejem produzir algo novo sobre um material tão extensamente explorado.

A despeito disso, nosso interesse recai aqui sobre o objetivo de explorar a heterogeneidade e a economia discursiva intrínseca ao jornal *Lampião da Esquina*, quando aborda temas e subtemas homoeróticos. Inspirado pelas perspectivas abertas nos chamados Estudos Culturais (BARCELLOS, 2006; PONTES JR., 2014; RAMALHO; RIBEIRO, 1998) e, sobretudo, nos estudos foucaultianos (FISCHER, 1996; 2015; FOUCAULT, 2014; TANGANELLI, 2019), não estamos tão preocupados em estabelecer uma diferenciação substancial e antecipada, entre textos literários e não-literários no jornal, quanto interessados em compreender como o próprio texto produz essas divisões, os modos de escritura em ação e os enunciados que definem, descrevem e criam a homossexualidade do qual falam e contribuem para moldar as subjetividades. O esforço é, pois, de interrogar a linguagem, o que efetivamente se diz, sem a intenção de procurar verdades escondidas ou intenções reveladoras de atores unos. A opção pela noção de configurações homoeróticas retira daqui toda a sua pertinência para designar um processo dinâmico e não essencialista que se realiza na e pela linguagem no momento mesmo em que é enunciada (BARCELOS, 1998).

A consequência metodológica desse raciocínio conduz então a abordar o *Lampião da Esquina* pelo ângulo dos diferentes modos e cenas enunciativas, pelo interesse em compreender como se organizam e se dispersam a pluralidade de vozes ali reunidas, constituindo uma arquitetura discursiva polifônica. Ao tratar o jornal *Lampião da Esquina* como produto cultural complexo e intrinsecamente heterogêneo, portanto, queremos avançar na compreensão de como o sujeito do discurso, os perfis e os sentidos do homoerotismo são articulados discursivamente, descritos, pensados e problematizados.

Cabe ressaltar, por outro lado, que as razões para escolha do objeto foram bastante diversas. A começar pela própria importância alcançada no espaço público, mais recentemente, do debate a respeito dos direitos de minorias, sexualidades dissidentes e relações de gênero (TANGANELLI, 2019), processo esse do qual participou o próprio jornal e seus redatores e articulistas, como já mencionado. Trata-se aqui, obviamente, do processo de redefinição de

determinadas categorias e demandas sociais cujo lugar e debate no espaço público dependeram do trabalho realizado por uma série diversa de instituições, movimentos organizados e atores políticos e acadêmicos, cuja história vem sendo recontada em diversas produções (TREVISAN, 2011; LOURO, 2010; GREEN, 1999; FACCHINI, 2009). Importa salientar, por outro lado, que além da importância adquirida processualmente pela temática, pública ou academicamente, a escolha de inscrever-se nesse campo de investigação também retira sua legitimidade de minha própria experiência pessoal como homossexual e os desafios enfrentados para compreensão e reflexão sobre minha própria identidade e práticas sociais. Desafio comum a todos aqueles que descobrem sua orientação sexual em uma sociedade heteronormativa, suspeito que a maneira como ela é vivida depende de uma série mutável de outros condicionantes históricos, sociais, culturais, econômicos, geográficos, etc., ligados às próprias trajetórias singulares dos sujeitos.

A atenção a essa particularidade já havia surgido em minha primeira pesquisa no campo das Ciências Humanas, quando ainda cursava a graduação, o que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso “Homossexualidade nas décadas de 1980 e 1990: o caso da cidade de Codó-MA”, apresentada em 2018. Grosso modo, através dela eu objetivava entender como se deu o processo de aceitação pessoal do homossexual, sendo ele assumido, ou não, entre as décadas de 1980 e 1990. Para isso, busquei trabalhar diretamente com esses homossexuais periféricos através de entrevistas e coleta de dados a respeito de seus backgrounds sociais, suas experiências íntimas de aceitação pessoal e as relações que estabeleciam com múltiplas esferas de suas existências. Desta forma pude notar como se combinavam diferentes relações de raça, poder e gênero (HIRATA, 2014) nessa experiência interiorana de descoberta e aceitação de si (FAUSTINO, 2018, p.30). Dessa forma, o segundo grande motivo para a escolha temática se conecta ao aprofundamento de debates e questões epistemológicas derivadas dessa primeira experiência de pesquisa e que poderiam ser aprofundadas através da pesquisa realizada na pós-graduação.

Ora, a própria opção pelo termo *homoerotismo* e pela noção de *configurações homoeróticas* presentes no título do texto, representa aqui esse esforço herdado por romper com uma visão epistemologicamente substancializada sobre a identidade homossexual e, por conseguinte, atenta as singularidades, contingências e dinâmicas históricas de construção e definição de identidades. A inspiração deriva aqui, mais uma vez, das sugestivas observações metodológicas de José Carlos Barcellos, em seu estudo sobre as configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras, como segue:

Procuramos também empregar o termo homoerotismo, de preferência a homossexualismo, por várias razões: em primeiro lugar, por não estar marcado pelo contexto médico-legal e psiquiátrico que forjou a noção de “homossexual” na segunda metade do séc. XIX; além disso, pelo fato de “eros” ser um conceito muito mais abrangente que “sexo”, o que permite integrar ao objeto de estudo uma gama muito mais variada, matizada e rica de emoções, sensações, ideias e vivências; em terceiro lugar, para passar ao largo da problemática noção de orientação sexual, em seus vários desdobramentos e, sobretudo, em contraste com a noção de opção sexual; e, finalmente, para evitar a falaciosa transformação de um adjetivo (homossexual) em substantivo (o homossexual), como se práticas sexuais pudessem definir, caracterizar e nomear aprioristicamente um tipo de pessoa, independentemente do meio social e do momento histórico em que ela vive e atua, bem como das inúmeras variáveis psicológicas, culturais étnicas, políticas, religiosas etc. que plasmam a sua existência e sua autocompreensão

Por fim, porém, não menos importante, deve-se destacar as próprias condições de acesso ao próprio jornal *Lampião da Esquina*: todas as edições do periódico foram inteiramente digitalizadas e disponibilizadas para acesso na internet pelo *Grupo Dignidade*¹. Ou seja, o acesso facilitado à toda base material e empírica para a pesquisa me permitiria pensar justamente nos desafios metodológicos e epistemológicos para abordar um material que tematiza explícita e intencionalmente a homossexualidade e o homoerotismo em suas páginas, fazendo-os através de uma abordagem no campo das Letras. Ora, foi assim que emergiu o desejo por explorar como a experiência homossexual é tematizada literariamente por agente que possuíam entre si não apenas afinidades quanto à sua orientação sexual, como também trajetórias, visões e posições no mundo semelhantes (SILVA, 1998), os quais ajudaram a dar materialidade linguística a esse produto cultural complexo e às diversas homossexualidades que produziu discursivamente.

Ante o exposto, considerando ainda que se trata de um trabalho ainda em curso, pretendo estruturar a presente dissertação em três capítulos interdependentes. No primeiro, recorreremos à bibliografia especializada para tratar das relações complexas entre homoerotismo e literatura, priorizando não tanto um balanço bibliográfico, quanto uma exploração dos principais trabalhos, pesquisas e perspectivas teóricas que têm inspirado a produção desta dissertação. Na sequência, esboçaremos uma caracterização do processo de histórico de emergência e debate sobre o tema da homossexualidade no Brasil com foco sobre as produções escritas e também literárias. Em seguida, tentamos descrever a materialidade do jornal, seus princípios de divisão, suas formas de organização interna e seus agentes, bem como analisaremos como o homoerotismo é abordado nas produções literárias contidas no jornal.

¹ <https://www.grupodignidade.org.br/>

CAP 1. - HOMOEROTISMO E LITERATURA: aportes teóricos, deslocamentos e novas perspectivas

O objetivo deste capítulo é duplo: por um lado, trata-se de tentar recuperar parte do debate a respeito das complexas relações entre homoerotismo e literatura a fim de esclarecer de que maneira nos situamos dentro da gigantesca nebulosa conceitual que abrange o tema. Estando fora de questão uma recuperação exaustiva desses aportes conceituais, o que pretendemos através desse exercício, por outro lado, é indicar algumas das principais referências que tiveram papel decisivo para a construção da nossa pesquisa. Para tanto, organizamos o capítulo em dois momentos: no primeiro, exploramos parte do debate a respeito das vantagens analíticas das noções de erotismo e homoerotismo. Na sequência, tentamos apreender essa discussão a partir de suas consequências e efeitos no debate sobre a chamada literatura gay ou literatura homoerótica. Como será visto, a despeito dos diferentes rótulos empregados, as contribuições de Michel Foucault e dos pesquisadores inspirados em seus trabalhos adquiriu um lugar central para discussão sobre a construção dinâmica e discursiva das subjetividades dissidentes, aspecto que está no cerne do exercício que pretendemos operar neste trabalho.

1.1 Entrando no Debate: Sobre as vantagens dos termos erótico e homoerotismo.

Tudo converge para uma mesma pergunta de teor ético: que direito nós temos, sociedade, grupos ou indivíduos, de obrigar quem quer que seja a ser socio moralmente identificado em sua aparência pública por suas preferências eróticas? É com as palavras de Jurandir Freire Costa, em sua obra “*A Ética e o Espelho da Cultura*” (2000), que é dado início ao debate mais profundo a respeito da escolha metodológica para este trabalho, a partir deste ponto nos cercaremos de uma fundamentação suscitada por este mesmo autor e trabalharemos assim a respeito de um termo que por ele foi melhor difundido dentro do Brasil, o homoerotismo. Antes de qualquer inserção sobre o termo, cabe-nos ressaltar alguns detalhes sobre sua necessária colocação deste momento em diante, além de buscar, à luz das teorias de Jurandir Freire Costa, discutir o quão importante é a adoção do termo homoerotismo ou homoeróticos para a sequência desta pesquisa.

Como a citação acima, há uma diferença entre como queremos ou pensamos que o indivíduo se comporta e como ele decide fazê-lo. O ponto principal é que não somos nós que decidimos o comportamento de determinado indivíduo e nem somos responsáveis por moldá-lo ou julgá-lo, além de não termos o poder de fazê-lo mostrar-se socialmente em relação a suas vontades eróticas ou sexuais. Primeiramente é necessário enfatizar que o autor se utiliza de um termo pouco convencional ao falar do comportamento do indivíduo no sentido de sua sexualidade, ele se vale do termo “*preferências eróticas*” e não “*preferências sexuais*” e este é o primeiro foco a ser notado nesta discussão: a diferenciação entre erotismo e sexualidade, podendo por vezes serem discutidos juntos ou como um termo único, cada um tem suas linhas de observação, suas aproximações e afastamentos.

(...) o erotismo não se deixa reduzir à pura sexualidade animal. Entre ambos existe uma diferença que não sei se devo chamar de essencial. Erotismo e sexualidade são reinos independentes, embora pertençam ao mesmo universo vital. Reinos sem fronteiras indefinidas, mutantes, em mútua interpenetração, sem jamais se fundir inteiramente. O mesmo ato pode ser erótico e sexual, realizado por um homem ou animal. A sexualidade é geral; o erotismo, singular [...] (PAZ, 1999, p. 21)

É necessário notar que o homem, enquanto pertencente ao gênero masculino, mais diretamente os heterossexuais cisgêneros², é por si só um ser homoerótico, principalmente no seu convívio e relação com outros homens heterossexuais. Vejamos assim que o comportamento destes indivíduos está ligado mais a questão estética, moral e sexual com outros homens e que além disso, sua forma de consciência pessoal e seu comportamento individual o tendem a ver e pensar seu corpo como um instrumento de prazer, sendo este prazer estético, visual e em último caso sexual. Como na citação anterior onde o autor fala que o erotismo é singular, o indivíduo tende a ser singular em sua forma de perceber o que há a sua volta, tais percepções o tornam mais egocêntrico, voltado para si, isso nada mais é que o ápice do erotismo, se sentir bem para si e apto a mostrar que está bem, independentemente de sua sexualidade ou orientação sexual.

O erotismo, nada mais é que a afloração do desejo, sendo ele mais intenso e sem demonstrar unicamente o desejo animal voltado para o sexo, tem mais a ver com demonstração de força, poder, elegância e egocentrismo voltado para si. Eroticamente falando, são estes detalhes que são transpostos para o homem heterossexual e nem sempre acarreta e uma mudança sexual, ele pode ser homoerótico sem deixar de ser heterossexual.

² Indivíduo ao qual se identifica com o gênero que lhe foi posto no momento do seu nascimento.

O autor Octavio Paz resume bem, mesmo que de forma não profunda, a diferenciação entre sexualidade e erotismo e isso nos basta por um momento. Ao colocar a sexualidade como um desejo animal, é bem provável que nos pareça exagero, mas o sexo ou a sexualidade é quase resumida a isso, é algo como o desejo pelo outro, fisicamente falando, uma necessidade carnal. O erotismo é algo que vai mais profundo a isso, no sentido de ir além do desejo da carne por exemplo. Ser erótico é ter uma ligação mais profunda, íntima e ligada ao desejo pessoal que a necessidade física. Há de se colocar que o sexo, de acordo com Foucault, passou a ser tratado como instrumento médico já no século XIX, seus diversos comportamentos abriram-se para a necessidade de serem estudados e organizados.

(...) aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda de pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas. (FOUCAULT, 1988, p. 32-33)

Já o uso do corpo como instrumento erótico vai além disso, as descobertas se dão de forma tão subjetivas que transitam entre sexo e erotismo sem se fixar-se, usufruindo assim da possibilidade de uma determinada “liberdade erótica”, é quase que a natureza erótica possuísse traços sexuais, mas se comporta de forma tão volátil que não consegue ser mantida como um instrumento de estudo da medicina, sendo assim é mais provável que se ligue a psicanálise ou a sociologia, caracterizando ainda mais seu quadro de uma matéria instável e de múltiplas observações. Tão importante quanto a sexualidade, o erotismo vêm sendo discutido e observado há mais tempo, da forma que a sexualidade só teve sua maior evidencia após a Idade Média, o erotismo acompanha as sociedades de forma mais constante, como por exemplo nas sociedades da Grécia Antiga que davam mais valor ao comportamento erótico, independente de gênero, tal comportamento trazia mais liberdade de afeto, não tendo qualquer conotação sexual direta, o erotismo era visto como um simples ato de afeto.

O erotismo apoia-se, pois, no corpo humano, sente-se atraído pelos múltiplos apelos que o seduzem, mas nunca acerca dele ou o oferece como simples realidade biológica ou instintiva e como mero instrumento de prazer, mas o descobre como portador de mensagem humana, e o apresenta como palavra significativa que convida a comunhão pessoal. Designa-se como erótico, portanto, todo esse mundo de sinais e mediações que, com gestos, imagens e palavras, mobiliza a psicologia para se abrir a esse tipo de amor (AZPITARTE, 2006, p. 138).

Em suma, discutir o uso dos termos sexualidade, sexo, erotismo e erótico vai mais além do que foi exposto acima, mas o que se pretendeu foi incitar um análise pessoal sob a possibilidade de haver diferenças entre os termos, mesmo que pareçam próximos. Falar de erotismo é quase que falar de sexo ou até mesmo pornografia, mas cabe lembrar que em um há uma ligação relacionada a intimidade, a um comportamento ou até a atos que não são diretamente ligados ao sexo ou ao ato sexual.

Ademais, para além da distinção entre os termos supracitados, temos ainda a necessidade de introduzir o debate sobre os termos que já haviam sido utilizados antes, mas que a partir deste momento ganharão um acréscimo. Há uma notável distinção entre homossexualidade e homoerotismo, principalmente após os estudos de Jurandir Freire Costa que foi o responsável pela retomada do segundo termo. Deixando claro que os dois termos são fundamentais atualmente dentro dos debates sobre a liberdade sexual, mas que optar por usar um ou outro vem a ser mera questão metodológica. Há também a possibilidade de os termos virem juntos, haja vista que todo este trabalho é discutido sobre uma base histórica, mas que é guiado por discursos e análises contemporâneas.

Homossexualidade e homoerotismo, assim como sexual e erótico, pertencer a uma mesma linha de debates e discursos sobre gênero, sexualidade e diversidade, entretanto, também é possível observar detalhes distintos em cada um deles, assim como aproximações sempre que necessário. O que será discutido é até que ponto um termo pode ser substituído ou acrescentado pelo outro, como o próprio Jurandir Costa em suas obras *A Inocência e o Vício* e *A Ética e o Espelho da Cultura* cita, que há uma necessidade de preferência pelo termo homoerotismo, mas que o termo homossexual não pode ser abandonado, principalmente na atualidade quando seu discurso já tem outro viés, diferente de quando foi criado.

Entretanto, neste momento nos é mais aceitável falarmos sobre homoerotismo, utilizaremos como base os estudos de Jurandir Freire Costa pois ele é um dos principais nomes quando se fala deste termo, para além disso, buscaremos analisar como o termo homoerótico se torna mais completo e complexo neste momento da pesquisa e ainda como é possível ligá-lo à literatura.

Entretanto, cabe ressaltar que, mesmo o termo homoerótico seja usado aqui tendo referência Jurandir Freire Costa, este mesmo termo veio a ser estruturado ainda em 1911 por F. Karsch-Haack, mas foi a partir do primeiro autor que o termo tomou maior repercussão, principalmente após a publicação de sua obra, *A Ética e o Espelho da Cultura* em 2000, onde o autor esclarece que tomou o termo emprestado e que tal termo a priori não veio para substituir

quaisquer outro termo relacionado à orientação sexual ou atração sexual entre pessoal no mesmo sexo, o que Jurandir Freire Costa buscou foi trazer uma nova perspectiva sobre este comportamento, focando assim no relacionamento sexual e amoroso e não apenas no discurso médico psicanalítico.

Além disso é necessário ressaltar que há uma questão teórico-metodológica ao optar pelo termo homoerótico, há sim um debate social e histórico ligado ao termo homossexualidade e que se agrava ainda mais sobre o termo homossexualismo, principalmente na atualidade.

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível a “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos “homossexuais”, independentes do hábito linguístico que os criou. Eticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomenclatura preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. Ora, com base em outras convicções, sustento que não temos nem motivos éticos nem teórico-científicos consistentes para defender a legitimidade dessas opiniões. Nesse tópico, advirto, além do mais, que a carga de preconceitos contida no uso de palavras como “homossexualismo” ou “homossexual” é autônoma em relação à intenção moral de quem as emprega. A questão, portanto, não é a de saber qual a crença moral que cada usuário destas noções possui, mas a de mostrar que conseqüências éticas elas acarretam ou que limites são impostos ao que podemos saber sobre o problema, quando nos limitamos a entendê-lo do modo convencional (COSTA, 1992, p. 11).

A utilização do termo homoerotismo ou homoerótico vem assim desligada de quaisquer cargas negativas construídas no passado, criando ainda a possibilidade de um discurso sobre uma identidade sexual fundada em um desejo erótico e não mais sexual. Ao optar por discutir esta forma de comportamento, vamos além do comportamento sexual de um grupo ou indivíduo, conseguimos tratar do seu modo de vida e dos comportamentos de forma mais geral, tratando do afeto, do desejo. Outra questão é que o desejo homoerótico não tende a reduzir ou encaixar qualquer indivíduo a determinado grupo levando em consideração sua orientação sexual ou desejo sexual. O desejo homoerótico vai além da barreira ou da bolha sexual, podendo ser expressado por indivíduos homoeroticamente inclinados ou não, sendo livre para transitar entre indivíduos independentemente de pertencerem a algum grupo que tenha sua sexualidade definida, como os homossexuais.

Em outras palavras, o que o autor quis explicar na citação anterior é que há uma carga que vai mais além da diferença linguística ou da escrita, ao utilizar qualquer termo há uma

bagagem por trás dele que automaticamente preenche lacunas mesmo sem qualquer interferência verbal sobre o termo. Quando se fala que tal indivíduo é homossexual ou gay, é inegável que neste momento, mesmo que não verbalizado, o ouvinte busca características especificar para preencher qualquer outro comportamento que não seja descrito pelo interlocutor. Por exemplo, se ambos conversam sobre um colega recém-chegado no trabalho e sabem que ele é homossexual, automaticamente já se cria uma série de outras características sobre este novo colega, sobre seu comportamento, modo de falar, de vestir, as músicas preferidas, os lugares que frequenta, entre outras. Em suma, como proposto por Costa (1992, p. 18) “nós somos aquilo que a linguagem nos permite ser; acreditamos naquilo que ela nos permite acreditar e só ela pode fazer-nos aceitar algo do outro como familiar, natural, ou pelo contrário, repudiá-lo como estranho, antinatural e ameaçador”.

Quando empregamos a palavra "homossexualidade", inevitavelmente pensamos em duas coisas: ou que o "homossexualismo" é uma condição natural, um tipo específico de sexualidade comum a certos indivíduos, em qualquer período histórico ou circunstância cultural, ou então que se trata de uma "condição psicológica" igualmente universal e típica de certos sujeitos. Assim, usei o termo homoerótico para aludir ao que designamos como "homossexualidade", e procurar evitar que o leitor moderno, preso aos nossos hábitos, desse o sentido de "homossexualidade" a quaisquer práticas eróticas entre indivíduos do mesmo sexo biológico. (COSTA, 2000, p. 114)

Sendo assim temos a noção que tratar do homoerotismo vai mais além do desejo sexual ou da inclinação sexual a determinados grupos, não há portando uma característica fixa para o indivíduo homoeroticamente inclinado, de certa forma não há nem uma característica para os homossexuais, entretanto, socialmente já fomos moldados a pensar que exista. Ao nos dirigirmos aos homoeróticos, o que há é maior fluidez e total fuga de critérios de seleção fixas sobre o indivíduo. Como o mesmo autor ainda vem a questionar, se direcionado ao fato de haver uma busca por caracterizações de comportamentos ligados a inclinação sexual.

(...) e aqueles que se sentem atraídos por homens, mas por uma outra razão nunca mantiveram contatos físicos dessa natureza? São falsos ou verdadeiros homossexuais? E os que se sentem sensualmente atraídos por homens, mas só têm relações físicas com mulheres? E os que só sabem ou só podem sentir-se atraídos ternamente por homens, mas não têm nenhuma atração física particular por eles? E os que se sentem atraídos por homens só na fantasia mas preferem claramente, de todos os pontos de vista, relações afetivo-sexuais com mulheres? E, finalmente, os que se sentem atraídos apenas por partes do corpo masculino, mas que não querem, não gostam e não pretendem relacionar-se com homens porque têm muito mais prazer ou só têm prazer no contato amoroso-sexual com mulheres? (COSTA, 1992, p. 28-29).

Esta série de perguntas instigadas pelo autor nos fazer ter uma noção da multiplicidade de possibilidades que existe em relação ao desejo e ao comportamento humano em relação ao seu comportamento afetivo. Claramente vemos que tudo isso vai mais além de desejo sexual, contado corporal direto, ato sexual ou necessidades relacionadas ao sexo, seja ele diferente ou igual. É a necessidade ou a possibilidade de um contado afetivo, que exclui quase que totalmente a barreira entre desejo e sexualidade. Há então a quebra de uma barreira física entre os comportamentos e uma crescente nuance entre as relações, desta forma podemos observar a fuga do endurecimento de determinadas características físicas, históricas, sociais e médicas.

Ao nos retirarmos do discurso voltado a sexualidade puramente dita, o contado sexual, a relação sexual, o desejo sexual, nos envolvemos em um discurso maior, mais amplo e que atinge um maior número de camadas subjetivas da sociedade. Ao dizer que o desejo homoerótico vai mais além que sexo, estendemos tal sentido à forma que homens tratam amigos, pais tratam filhos, irmão tratam irmão, fugimos assim da barreira sexual e nos lançamos ao desejo, ao afeto, obstantes de desejo sexual, falamos assim de um desejo protetor, afetivo e emocional que é mais delicado e mais difícil de ser transposto que o desejo ou a vontade sexual.

É neste ponto que distinguimos o indivíduo homossexual do homoerótico, pela forma que suas relações de desejos mudam. O que importa neste momento e nesta pesquisa é a forma que o indivíduo olha o outro pela ótica da atração não sexual, da maneira que é possível descrever uma relação entre homens sem a necessidade de envolve-los sexualmente. Trabalhar o homoerotismo em um plano em que se fala mais de homossexualidade requer mais cautela, mas é necessário entender que há sim uma distinção entre os termos e os sentidos.

Ademais, é importante ressaltar que, apesar das individualidades e flexibilidades já citadas em relação ao comportamento homoerótico, há sim uma necessidade de busca por uma identidade para além dos comportamentos eróticos. Há, portanto, uma resposta individual ou coletiva, comum a todo indivíduo que compartilhe de certos comportamentos em comum. Como acontece então no comportamento homossexual como um traço de personalidade, Jurandir Freire Costa denomina de “estratégia de defesa”, que nada mais é que a união de indivíduos com ideais em comum, nesse caso o comportamento homoerótico, para assim lutar contra qualquer forma de exclusão.

Por fim, não somos capazes de conceber uma descrição detalhada sobre qualquer forma ou processo relacionado ao comportamento humano, o que pretendemos é criar uma certa fonte de explicação a respeito de uma mínima parte do vasto e complexo comportamento do indivíduo. Não há um processo exato de criação do comportamento homoerótico, como também

não compreendemos seu limite, não há um processo de criação do homossexual, como também não conhecemos até onde a nomenclatura se ligará ao indivíduo ou ao comportamento.

Não há um tipo de processo pelo qual as pessoas tornam-se homossexuais, assim como não existe um único tipo de processo psíquico pelos quais as pessoas tornam-se heterossexuais. É equivalente ao processo que toma alguém jogador de futebol ou músico. Querer encontrar a "homossexualidade comum" a todos os homossexuais é uma tarefa tão vã quanto querer procurar a "policidade comum a todos os políticos". (COSTA, 2000, p. 114)

Como colocado pelo Jurandir Freire Costa, há uma preferência por determinado uso da nomenclatura, mas não há uma exclusão de outra. E da mesma maneira que não há um processo para tornar-se homossexual ou heterossexual, não há uma única maneira ou um único processo para resumir e explicar o comportamento homoerótico, o que nos resta é a busca por criar certos embates entre os termos e comportamentos e assim trazer suas aproximações e distanciamentos e retirar disso o que mais se aproxima de nossas análises.

Sendo assim, é necessário e fundamental transpor a barreira da dualidade que acompanha o comportamento humano, principalmente no sentido das relações interpessoais. Nós enquanto homossexuais ainda carregamos as cicatrizes históricas do dualismo sexual voltado para homem/mulher, sem nos darmos conta que podemos ir além dessa fronteira nos nossos comportamentos. É isso que os autores deste capítulo pretendem mostrar, que somos capazes de ultrapassar a barreira do sexual, em detrimento de não haver outra forma que descreva esse momento de passagem, cria-se a ideia do erótico, que vai além do corpo e se une ao emocional, ao sentimental e às relações diversas que vão além do sexo.

1.2 Literatura Gay ou Homoerótica? Elementos de um debate recente

Seguindo nossa linha de raciocínio, já temos uma noção basilar sobre o que seria ser homoeroticamente inclinado e suas divergências e aproximações entre o uso deste termo e dos demais termo ligados a questão sexual/afetiva. Deste ponto em diante nos cabe aplicar o conceito de homoerotismo a nosso objeto de pesquisa que será a literatura. O primeiro questionamento que surge então é, até que ponto existe uma literatura homoerótica e onde se inicia uma literatura gay, haja vista que, como anteriormente mencionado, são discussões que parecem próximas, mas que por momentos também se distanciam e criam características próprias.

Grosso modo, o que se pode afirmar preliminarmente é que a primeira diferença entre os dois termos supracitados é a questão temporal e histórica. Socio historicamente o termo literatura gay é ligado a modernidade e contemporaneidade, seu marco principal se deu com as revoluções sociais do final da década de 1960, daí em diante o termo é tratado como aporte teórico-metodológico para retratar todo um movimento de identidade e aculturação da comunidade LGBT. De forma mais direta, a literatura gay cerca-se em seu campo de produção, dando mais abertura a produção literária do próprio indivíduo LGBTQIA+, sendo ela crescente com o desenvolvimento de políticas de desenvolvimento identitário para esse público e maior visibilidade de sua diversidade.

Por outro lado, a literatura homoerótica tende a ser anterior a tudo isso, fugindo principalmente da questão política e identitária e se ligado à estética da produção e do conteúdo do texto literário. Outra característica predominante é a questão do escritor/produtor da obra, ao se falar em literatura homoerótica voltamos ao debate sobre a fuga de certas características atreladas ao homossexual, sendo assim não há uma ligação direta entre a orientação ou preferência sexual do autor, sendo uma produção literária produzida por homoeroticamente inclinados ou heteroeroticamente inclinados.

“Pessoalmente, prefiro a categoria ‘literatura homoerótica’, mas entendo que a expressão ‘literatura gay’ faz sentido dentro de um marco histórico na cultura contemporânea”, afirma o poeta Italo Moriconi. “‘Literatura homoerótica’ é um termo mais geral, algo que pode ser encontrado em todas as épocas, ao passo que a ‘literatura gay’, propriamente dita seria uma vertente mais contemporânea, vinculada ao processo histórico de liberação gay, de conscientização gay, seja lá como se queira chamar esse processo [...]” (PINTO, 2003, p. 48)

Em suma, como colocado pelo autor na citação, há sim uma preferência pelo uso da categoria literatura homoerótica por ter um contexto mais amplo e geral, enquanto a literatura gay se fixa em marcos históricos e políticos. Ao nos depararmos com esta primeira categoria de literatura já nos sentimos mais aptos a um debate que vai além da questão de identidade e partimos para um viés mais estético, há um desprendimento da influência da produção em si, de determinada época e do próprio autor e uma ligação à narrativa e sua produção independente, dando chances de observar o potencial homoerótico narrado em determinada produção. Há, entretanto, uma necessidade de observar e analisar até que ponto há uma potencialidade da literatura homoerótica e a crescente necessidade de uma identidade, mesmo que esta segunda forma seja indispensável ela poderia vir a confundir quaisquer análise sobre a estética.

Barcellos (2006), por outro lado, ressalta a importância de uma construção identitária da literatura gay e das interpretações sobre as obras literárias homoafetivas. Nesse quesito, sua

perspectiva é bastante convergente com a de Antonio de Pádua da Silva (2012) que reitera que a literatura homoerótica não se deixa interferir por questões políticas e nem pelo engessamento do autor no sentido de sua sexualidade. É necessária uma discussão que possa ir mais além de distinguir as formas de literatura, se é que isso é o correto a se fazer já que há apenas uma forma de literatura neste caso, a que fala e descreve o comportamento homoafetivo. Entretanto, há sempre uma busca por distinções, principalmente para viabilizar qualquer análise ou multiplicar as formas de trabalhar com a literatura. Mesmo que todas retratem o comportamento afetivo, sexual ou identitário, é sempre possível observar uma busca por diferenciar uma literatura homoerótica, uma literatura homossexual ou uma literatura gay. Há, portanto, um questionamento que diz respeito as duas últimas citadas. Segundo Barcellos (2006) alguns autores consideram a literatura gay somente após os movimentos culturais do final de 1960 e 1970, colocando as produções anteriores no patamar da literatura homossexual, e anterior a isso ainda se nota uma tentativa de enquadramento em uma literatura homoerótica, que se daria antes dos estudos médicos e psicológicos do século XIX e XX. Contrapondo-se a isso, Barcellos coloca que,

A distinção entre literatura homossexual e literatura gay, portanto, não se reduz simplisticamente a uma oposição entre literatura erudita e literatura de massa, ou entre literatura canônica e não-canônica, nem tampouco à tematização implícita ou explícita do homoerotismo, ainda que todas essas questões sejam pertinentes para a análise de obras literárias específicas. (BARCELLOS, 2006, p.79-80).

Há assim a necessidade fundamental que buscar compreender tudo que diz respeito à literatura homoerótica, sua linguagem, signos, fatores culturais e identitários. Cabe ressaltar que toda questão de identidade é de suma importância e que ela é também responsável pela construção da literatura homoerótica, mas há uma diferença entre a identidade que é apresentada neste momento para a identidade que presenciamos hoje, principalmente na questão da liberdade dada a diferença de época e o acréscimo de outras questões, como revoluções políticas e levantes populares.

Um ponto de suma importância a respeito dos estudos sobre o homoerotismo na atualidade é a presença e o desenvolvimento dos estudos sobre a teoria Queer crescentes, principalmente após a década de 1980. Neste ponto, esta teoria possibilitaria uma análise crítica mais profunda no que se diz respeito aos dualismos entre heterossexualidade e homossexualidade, além de discutir o papel e posição entre feminino e masculino em diversos seguimentos da sociedade. O principal objetivo dos Estudos Queer seriam então as observações sobre a construção do caráter histórico e cultural dos corpos, do desejo e da sexualidade.

A Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais de gênero. [...] A escolha do termo Queer para se auto determinar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 150-151)

Para Guacira Lopes Louro (2004, p. 46) há na teoria Queer a defesa de “uma teoria e uma política pós-identitárias”, que critica assim o binarismo entre orientações sexuais e de gênero que de certa forma limitam a identidade, dando a possível capacidade de observar a sexualidade de forma não fixa, mas sim como passível de transformação, contrariando o “princípio da uniformidade”. Desta forma podemos observar uma aproximação nada sutil aos estudos sobre o homoerotismo, principalmente ao colocarmos em evidência a múltipla possibilidade das identidades e as possíveis transformações voltadas a sexualidade e ao comportamento.

Discutir teoria Queer é um processo delicado no sentido de tal teoria ainda estar em construção e constante mudança, trazer tal debate a esta pesquisa requer cuidados no sentido de saber o que se quer usar desta teoria. O que nos vale no momento é trazer o comparativo de como a teoria Queer, um estudo pós-moderno, se encaixa a discursão sobre homoerotismo, que é colocado por alguns estudiosos como sendo construída ao longo dos séculos e que poderia já haver se transmutado. O que é importante resumir, é que mesmo com características distintas, a literatura homoerótica se volta para a construção de um desenvolvimento mais natural, de uma fuga da dualidade entre sexo e relação interpessoal. Na teoria Queer, com sua necessidade de fuga do binarismo, de causar estranheza e de fazer repensar as relações sociais, traz à tona uma relação direta com a forma que o homoerotismo vê as relações.

Toda e qualquer representação literária vem da necessidade de uma busca por diálogo a respeito da sexualidade, de como esta é atribuída, construída ou serve de ponto de marginalidade. Em suma, há uma série de fatores que podem trazer certas proximidades e distanciamentos entre as representações literárias, há que prefira utilizar um determinado termo ou outro ou fazer divisões temporais ou estéticas entre elas, mas de modo geral o que temos é uma série de preconceitos já estabelecidos que colocar qualquer forma de produção ou de autores que tendem a discutir sobre a homoafetividade à margem da sociedade. Reiteramos que a escolha por utilizar determinado termo, neste caso o da literatura homoerótica, não nos afasta das demais representações, esta escolha metodológica se dá mais pela abrangência do termo como colocado nos parágrafos anteriores.

O esforço para problematização do objeto desta pesquisa depende de dois procedimentos interligados. Por um lado, caberia traçar algumas considerações a respeito dos debates acerca das relações entre homoerotismo e literatura, o que faremos recorrendo principalmente às pistas apresentadas José Carlos Barcelos (2006). Por outro, recorrendo a uma parte da bibliografia, valeria à pena tecer considerações sobre as condições de emergência do próprio jornal em seu contexto histórico social.

Conforme Barcellos (2006), antes de qualquer debate entre homossexualidade e literatura é importante ressaltar a distopia encontrada entre o que é produzido sobre o tema fora do Brasil e o que recebemos como aporte teórico e conseguimos produzir algo no âmbito nacional. O autor interpõe que devido ao caráter periférico do Brasil no sentido de produção de conhecimento cabe-se ao pesquisador brasileiro adequar-se à realidade social para assim buscar criar um quadrante comparativo entre o que se tem de produção fora e dentro do país. No que diz respeito à produção de estudos sobre a homossexualidade brasileira, entre as décadas de 1960 e 1970 iniciou-se a construção do debate sobre o tema, dando abertura a discussões sobre saúde LGBT, política de direitos civis igualitários, libertação do corpo, do trabalho e da imprensa. Dentro dessas décadas o Brasil experimentou o início da construção de uma imprensa livre e a busca direta por direito. (BARCELLOS, 2006)

Descrever uma literatura, seja ela homoerótica, gay, homossexual ou Queer, requer atenção aos detalhes e até que ponto se quer chegar com determinada análise ou diferenciação. Não nos cabe distingui-las ou pesa-las, neste momento o que buscamos é trazer nuances de diferenciações que nos ajudarão a sobrepor tal noção de literatura sobre nossa pesquisa.

CAP. 2 – AS RECOMPOSIÇÕES DA IMAGEM HOMOSSEXUAL: Estigmas históricos, politização recente e surgimento de uma imprensa dissidente no Brasil.

A construção do sujeito homossexual, de sua imagem e comportamento, não parte do próprio sujeito homossexual, ela é entregue a ele cabendo só a ele a tentativa de reescrever essa imagem já engessada ao longo de séculos. Há uma gama de subjetividades que acompanham o homossexual de forma pessoal e coletiva. A busca neste momento é descrever de que forma a imagem do homossexual foi sendo moldada e como as subjetividades relacionadas aos comportamentos do homossexual são atrelados a ele de forma indireta. Nos valeremos de etapas para buscar saber até onde a imagem do homossexual foi construída por ele ou por outros.

Primeiramente é necessário discutir onde nasceu a identidade contemporânea do homossexual, viajaremos assim até o ano de 1968 nos Estados Unidos onde encontraremos o marco zero para o início da construção do homossexual pelo próprio homossexual. E assim poderemos abrir um adendo sobre a fonte utilizada nacionalmente para a busca por esta própria escrita de si, a literatura homoerótica.

2.1 Estigmas históricos e discursos anti-homossexuais na moldagem de subjetividades.

Partir de uma descrição do homossexual se torna o ponto mais delicado deste trabalho, delicado ao ponto de conseguir criar mais brechas que as preenche-las, porém é necessário fazê-lo a ponto de localizar o receptor/leitor em um contexto extenso, contexto esse que é construído entre altos e baixos, entre nomeações e denominações. A construção do homossexual é cheia de incertezas, ou melhor, não certezas, fatos estes que vem principalmente de observadores externos, o homossexual em si, após sua autoaceitação já tende a não carregar essas não certezas e tende a construir sua imagem pessoal e individual. Comparo à minha própria aceitação pessoal, creio que de alguns muitos homossexuais dividem tal experiência, seria como o momento da pré-adolescência, um momento confuso e conturbado em que se inicia a construção de uma autoidentidade, o assumir-se homossexual tende a se parecer com esse momento, há uma variedade de locais para onde olhar e se tem a possibilidade de se construir ou reconstruir. É importante lembrar que falo do momento da aceitação pessoal, do primeiro momento em que o indivíduo se percebe não pertencente ao dualismo pregado socialmente entre os sexos (homem e mulher) ou entre os gêneros (masculino e feminino), momento este que é fundamental, antes de tudo, para se ter um amadurecimento social.

Esse amadurecimento social se mostrou mais incerto, é o momento do mostrar-se, do assumir-se ao outro, deixar as barreiras do “armário”. Neste primeiro momento trarei alguns momentos da própria linha histórico e social para retratar esse assumir-se socialmente, pontos importantes para se ter uma noção de como a imagem do homossexual foi montada. Nota-se o termo anterior, “foi montada”, pelo fato de se perceber que a construção do homossexual nem sempre dependeu dele, fatores externos sempre se valeram de sua caracterização, a igreja, a família, a medicina, a educação, em poucos momentos o próprio homossexual teve a possibilidade de construir sua própria imagem, seu próprio discurso. Entretanto, essa construção externa, muitas vezes equivocada, faz parte da imagem atual do homossexual e serviria de impulso para sua autoconstrução. Essa construção por conta própria de sua imagem é fruto de um mundo pós-moderno e de lutas sociais diversas, momentos que serão tratados com mais detalhes no decorrer do trabalho, nos cabe aqui discorrer sobre o momento da construção do homossexual por outros, ou por grupos de outros.

De antemão, lembro mais uma vez que o termo homossexualidade será usado neste trabalho para se dirigir ao homem homossexual e qualquer menção a homossexuais de outros gêneros ou sexualidades serão postos diretamente, tal recorte não diminui ou afasta a importância de falar da homossexualidade feminina, ambas as lutas foram e sempre serão traçadas paralelamente e com pontos de colisão, mas como homem homossexual não tenho a possibilidade de tratar da homossexualidade feminina, pessoalmente creio que é um espaço a ser construído pelas próprias mulheres, não eximindo a possibilidade de haver debates dentro desta pesquisa sobre essa temática em específico, principalmente onde o cruzamento das lutas de ambos os grupos acontece, fato que é notório no meio social em que vivemos.

Cabe também lembrar que neste momento há uma fuga do debate sobre homoerotismo pois vejo que é importante discorrer sobre o comportamento homossexual que é intrínseco a ele, que não depende diretamente dele ou de suas escolhas. É neste momento que podemos construir um debate sobre a subjetividade de ser homossexual e como tais características são pré-moldadas a ponto de haver a necessidade de reconstrução de uma imagem pessoal e social do próprio homossexual.

Como citado anteriormente, antes de uma autoimagem do homossexual, tal construção fora feita por outros, estes grupos de outros tenderam a construir verdades e que acompanham a sociedade até a atualidade.

Antes de existência de um movimento de libertação homossexual militante, existia um tabu universal de que homossexualidade não era tópico para uma discussão séria. O tema restringia-se apenas a livros psiquiátricos, condenações murmuradas, piadas degradantes e referências históricas e literárias veladas. A verdade sobre a homossexualidade, bem como suas origens e história do preconceito anti-homossexual, tem sido escondida e deturpada perante a sociedade. (OKITA, 2015, p. 17)

O discurso anti-homossexual é como um estigma que tende a seguir quem escolhe por se assumir como tal, diante do medo de descobrir-se homossexual ainda há o medo do mostrar-se homossexual, fato mais delicado haja vista que a história tratou da construção de uma imagem deturpada e equivocada embasada principalmente em ideais antigos e ultrapassados. Desta forma se tem uma homossexualidade estudada, subjugada e que tenderia a se manter nas sombras do medo. É sabido que essa barreira diante da homossexualidade tendeu a ser construída ao longo dos séculos por determinados grupos, principalmente ligados à igreja, depois disso os que mais se ocuparam na construção do homossexual foram os grupos voltados à saúde, a tendência era conseguir mapear a homossexualidade como se faz com uma enfermidade para assim subjuga-la e justifica-la numa tentativa de enquadramento. Luiz Mott (2001, p. 43), afirma que o controle social da Igreja na Idade Média tendeu a criar um amplo sistema de controle sobre os corpos da mulher, a sexualidade da criança e dos que não obedeciam a ordem do Divino Criados onde ordenava “crescei e multiplicai-vos”. Este seria assim um dos muitos exemplos, mas que retrata bem a criação de uma imagem errônea do homossexual.

Outro exemplo de agrupamento em que se observa essa construção da imagem do homossexual seria a própria família, o cerne de maior apoio é em vezes o primeiro local de contato com o preconceito e com as restrições direcionadas aos homossexuais. A família como âmbito de acolhida e crescimento é em partes responsável pelo desenvolvimento social do indivíduo, como colocado por Mônica Silva (2015, p. 679) que os membros familiares fazem parte de um sistema único e individual, como algo singular e particular, e como membro desse sistema o homossexual tende a ser moldado por ele, carregando assim marcas de discursos distorcidos sobre o ser homossexual, fator que vai se modificando com o seu amadurecimento pessoal.

A família (...) resulta da interação e interdependência de suas partes, ou seja, de seus componentes. O ser humano como sistema vivo é um sistema auto organizador, também pode ser visto como um sistema, mas quando se trata de família, é uma parte, que a influência e por ela é influenciada. (SILVA, 2015, p. 680)

De forma mais geral, a construção da imagem do homossexual é antes de tudo construída e entregue a ele, cabendo a ele se reconstruir e desconstruir determinados conceitos. E é exatamente no imperativo da modernidade que mais se tem uma noção entre a construção de uma dualidade, como supracitado, tendo como favorecidos por tal discurso a própria família, que na maioria nos casos, segue o padrão de sexo e de gênero, somando-se a isso,

A massificação da ideia do casal heterossexual como modelo da correção e da “normalidade” contribui para a manutenção do estereótipo da figura masculina como sendo viril e dominadora na relação, exercendo suas funções no espaço público, enquanto a figura feminina seria o polo passivo e submisso, restrito ao ambiente interno do lar. (SILVEIRA apud COSTA, 2010, p. 326)

Esse ideário heterossexual vem a influenciar o homossexual desde o cerne de sua família e tende a acompanhá-lo ao longo de sua trajetória pública, até mesmo ao tender a assumir uma preferência dentro do próprio meio homossexual, assumindo sua atividade ou passividade, são vestígios desse discurso heterossexual e dual que tende a julgá-lo, dando abertura a ser mais ativo sexualmente, no sentido literal da palavra, ele seria ligado ao homem viril e mantedor, fonte da força e da razão, já se mostrar-se passivo, no sentido sexual e literal da relação, automaticamente é colocado a ele o estigma do feminino, do frágil e submisso. Esse dualismo foi muito utilizado no meio homossexual no fim do século passado como o Bofe (ativo) e a Bicha (passivo), como estudado por James Green (2000). Em resumo, o que temos aqui é uma inserção dos conceitos históricos heterossexuais dentro dos discursos homossexuais, muito além disso, tal comportamento cultural tem assim um arraigado valor, não sendo tão facilmente distinto do meio homossexual atual.

Outras faces ainda poderiam ser citadas a despeito da construção externa da imagem do homossexual, o discurso médico que, já citado, ainda será utilizado em algumas outras análises, sendo este muito ligado ao uso do corpo e da saúde. Entretanto, sobre uma construção abstrata ou até mesmo física do homossexual, o discurso médico, principalmente no século XIX contribuíram para a construção do homossexual, foi a partir deste momento que pessoas que tendia a se relacionar com outro do mesmo sexo abandonariam a denominação ainda dada pela igreja na Idade Média, tendo assim seu comportamento estudado, foi nesse momento da história que as doenças sexuais foram postas a prova, junto com a sexualidade dos pervertidos e das crianças. Segundo Foucault, o sexo seria a fonte patológica social.

Daí o projeto médico, mas também político, de organizar uma gestão estatal dos casamentos, nascimentos e sobrevivências; o sexo e sua fecundidade devem ser administrados. A medicina das perversões e os programas de eugenia foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes

inovações da segunda metade do século XIX (FOUCAULT, 1988, p. 129).

Ainda segundo Green (2000), os discursos sobre higienismo, degenerescência e psiquiatria eram porta-voz do comportamento homossexual a partir do fim do século XIX. A patologia, o desvio, síndromes, loucura e perversão tomam o lugar das categorias ligadas à devassidão moral pregadas pela Igreja Católica (TREVISAN, 2007).

Ademais, outras facetas ainda tenderiam a interferir na construção do homossexual, interno e externamente, o que se pode concluir a priori é que tais faces não estariam longe de ser encerradas, sendo elas construídas e reconstruídas a cada dia e de forma diferente em cada sociedade. O que se tem até o momento são uns ou outros fatores externos que contribuem positivamente para o desenvolvimento pessoal da imagem do homossexual, o retrato de uma família polarizada entre homem e mulher, em sua maioria heterossexuais, a princípio poderia ser tida como uma barreira pessoal para o homossexual, mas por outro lado serve como ponto de partida para todas as suas relações sociais futuras, mas sendo ponto de construção e desconstrução ao mesmo tempo.

Em suma, o que se pretendeu até aqui foi exemplificar, mesmo que com o uso de dois exemplos, o discurso médico e familiar, como há interferências externas à construção da imagem do homossexual, algumas distantes e outras no cerne social. Esta vem exemplificar que a construção da imagem do homossexual é antes de tudo externa e com a autodescoberta esta vem a ser internalizada e modificada. Como colocado no início, esta introdução vem mais como um ponto de apoio, como um momento para colocar alguns pontos de inserção relevantes para assim afunilamos melhor do debate e a análise sobre a homossexualidade dentro do Brasil e como esta desencadeou o desenvolvimento de uma imagem nacional do homossexual e como este utiliza até hoje disse, fazendo uso de ferramentas como literatura e discurso.

Ser homossexual é antes de tudo uma construção ou uma reconstrução. Ao longo da linha histórica a subjetividades, os desejos, as relações entre pessoas do mesmo sexo nunca pertenceram a eles mesmos, há sempre um discurso, uma relação de poder que antes de deixar o homossexual ser ou sentir, molda tais desejos, descreve, reescreve e só assim entrega ao indivíduo homossexual. É sabido e notório que isso vem sendo mudado recentemente, mas as raízes de tais pensamentos persistem de tal forma que nem o ser homossexual sabe ser homossexual, é ainda necessária uma busca por aceitação externa e o cumprimento de normas e regras que nem mesmo o indivíduo sabe quem as criou.

A subjetividade vem recentemente mudando e sendo moldada pelo próprio indivíduo a partir do momento que este toma conta de suas relações, porém o processo é longo. Um avanço significativo no lado coletivo foi o surgimento da teoria Queer que trabalha o lado coletivo de ser e ter a liberdade de sentir como quiser. No lado mais individual temos o alvorecer de uma série de discursos de empoderamento que transmitem uma sensação de mudança. No geral, o que antes era entregue, já moldurado, hoje pode ser revisto, o discurso homossexual ou anti-homossexual já sofre as percepções coletivas de pessoas de subjetividades mútuas.

2.2 O nascimento do movimento gay e sua chegada no contexto brasileiro.

O movimento gay nasceria fora do Brasil, o marco zero para esse acontecimento se deu em um bar gay, o Stonewall In na cidade de São Francisco nos Estados Unidos. Entende-se por marco zero, mas não como o primeiro momento ligado à luta homossexual, Stonewall foi mais político e público que os demais acontecimentos e tomou mais notoriedade pela forma que ocorrera e com a repercussão geral do fato, o que se sabe é que nasceria ali o cerne do debate sobre liberdade de comportamento e a reconstrução da imagem homossexual.

É sabido que a homossexualidade é apenas um comportamento normal da natureza, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo é acompanhado desde as pré-histórias dentro dos grupos humanos, entretanto, muitas mudanças ocorreram, passou de algo normal e aceitável dentro de algumas sociedades antigas a algo perigoso e culposos na Idade Média por conta dos escritos e traduções bíblicas e permaneceu como ilegal por séculos até o discurso homossexual passar da religião à medicina, tal mudança trouxe acréscimos sobre os estudos da homossexualidade enquanto comportamento, porém não decairia a pressão causada pelo preconceito social. O que muito se tentou foi buscar explicar cientificamente e taxar a homossexualidade, agora não mais um comportamento social comum e sim uma doença e passível de cura, assim permanecendo até a segunda metade do século XX. Tudo só toaria novos rumos com os levantes populares desta época, a crescente busca por direitos dentro dos grupos minoritários fez emergir também uma barreira de proteção e que tenderia a dar forças aos grupos homossexuais.

Foi assim que em 28 de junho de 1969 um grupo de homossexuais Norte Americanos decidiram pôr fim a repressão policial sofrida por eles. Durante uma batida policial no bar Stonewall In em São Francisco, Nova York um dos maiores confrontos envolvendo

homossexuais se iniciaria, polícia contra homossexuais, a polícia com armar e cassetetes e os homossexuais com paus, pedras e moedas.

Grande parte do público era composto por jovens gays da periferia ou que foram expulsos de casa. Além disso, o lugar era muito frequentado por drag queens, que normalmente não eram recebidas em outros bares (...) na madrugada do dia 28 de junho de 1969, a polícia não fez vista grossa. 13 pessoas foram detidas. Alguns eram funcionários (...) e outros eram travestis e drag queens. A acusação, neste último caso, era de “violação do estatuto de vestuário”. (ROSSINI apud SUPER INTERESSANTE, 2020)

Todos os fatos levaram um número significativo de homossexuais ao bar para proteger conhecidos e brigar contra a repressão policial. Entre barricadas, inícios de incêndio, prisões e agressões que duraram em torno de quatro dias, o levante de Stonewall ficaria conhecido como o Dia Internacional do Orgulho Gay. 50 anos após o levante muito mudou, porém tal fato se tornou o mais importante para o meio homossexual moderno e conseguiria trazer à tona o Movimento Gay, ou Gay Pride, que seria responsável por inúmeros outros levantes, não tão intensos, mas igualmente importantes em busca de direitos civis, à saúde, a liberdade e à identidade sexual.

Diante do que já foi posto, cabe-nos a focar em uma realidade mais próxima, buscar analisar a homossexualidade masculina no Brasil, e ao falar em modernidade atento-me a discutir a homossexualidade a partir do século XX, esse recorte se faz importante e necessário para melhor circundar a temática e buscar analisa-la melhor, ademais, as produções sobre a homossexualidade só se tornaram mais expressivas a partir do século citado. Quaisquer produções anteriores sobre a análise do comportamento homossexual poderão ser suscitadas no decorrer das análises, no momento nos cabe em construir um aporte como base para iniciar os demais debates, como já colocado anteriormente.

Ademais, falar da homossexualidade no Brasil requer uma série de adornos, calços estes que servem mais como base que como análise em si. De fato, discutir qualquer agrupamento minoritário no país se torna uma tarefa ampla no sentido de ser necessário antes de tudo criar um embasamento, haja vista que discutir as minorias brasileiras é algo recente, algo intensificado principalmente após a década de 1960, aí se encontra o calço principal, sempre que se discute as relações de poder trazidas por embates entre os grupos dominantes e os dominados é afrontoso descrever diretamente essa relação puramente no âmbito nacional e mesmo que seja possível ainda há uma certa imaturidade do Brasil em relação a isso, relaciona-se a isso as fortes influências internacionais e ainda coloniais. Desta forma, são sempre

necessários rodeios, construir um aporte teórico para assim discutir o sentido de poder supracitado.

Ao nos voltarmos para o homossexual brasileiro, a sua “construção” segue bem o que foi colocado, há tantas interferências e influências que a imagem do homossexual tendeu a ser baseada em um discurso internacional, a priori isso foi fundamental, mas por muito não se levou em consideração a construção do próprio povo brasileiro. Ao se dar conta que era necessário um olhar mais interno para a própria ideia de nação tem-se uma mudança de curso, principalmente por haver mais barreiras que aberturas nessa construção identitária brasileira. A homossexualidade brasileira viu-se cercada de uma sociedade arraigada em preceitos tidos como éticos e que buscam além de tudo bater de frente com o que se pôr novo.

(...) o homossexual brasileiro vê agravada a sua situação de forma mais aguda pelo fato de viver num país semicolonial que, além da discriminação e da marginalização, leva-os a enfrentar a crise econômica do país. Torna-se mais difícil escapar da repressão familiar, devido à necessidade de sobrevivência e sustento. Os guetos homossexuais são cada vez mais reservados para a burguesia e a alta classe média, limitando as opções de vida da grande maioria. Além disso, o machismo nos países semicoloniais está enraizado na sociedade. (OKITA, 2015, p. 69)

O autor coloca postos-chave que nos ajudarão a entender a realidade do homossexual brasileiro, pontos estes que serão o ponto de partida, mas nem de longe os únicos que interferem na vivência homossexual no Brasil que conhecemos. O primeiro ponto é a vida em um país semicolonial, fator que acomete outra meia dúzia de fatores, principalmente a relação entre a independência financeira, as relações interpessoais que ainda são incentivadas por um discurso carregado da dualidade entre homem/mulher, pai/mãe, liberdade/pecado. O que se nota é que as dualidades têm uma flexibilidade maior dentro da burguesia principalmente pelo fato de haver maior independência financeira e uma maior abertura à saída do país por exemplo.

Porém, é importante lembrar que a homossexualidade masculina no Brasil moderno não vai até estes pontos supracitados, ela está mais arraigada e fixa na construção social brasileira que apenas dentro do comparativo entre classe social. Discorrer sobre homossexualidade requer cuidados práticos, no sentido de generalizações. Por ser um país que “recentemente” conseguiu construir sua Independência e emancipação da metrópole, haja vista que em quantidades históricas o Brasil ainda engatinha rumo ao amadurecimento, muitas barreiras coloniais ainda acompanham os que aqui vivem, além de recentemente uma ditadura se instaurou. Todos esses detalhes históricos influenciaram e ainda influenciam a vida social brasileira, em especial em questões políticas e sobre a liberdade individual que vem sendo conquistada após o fim do

período da Ditadura Militar (1964-1985). É sobre essa liberdade que aos poucos vem sendo adquirida que iremos nos ater, direcionados ao homossexual brasileiro.

Num momento histórico em que os direitos dos “gays” constituíram um entre vários movimentos sociais (feminismo, movimento negro e índio, campanha pró-anistia) tenuamente aliados nas lutas pelo reconhecimento e pela democratização política, as forças de segurança apontaram para a homossexualidade, pública ou privada, como manifestação da subversão. Com efeito, os “homossexuais” publicamente identificáveis e os “criptocomunistas” habitaram espaços semelhantes e, de vez em quando, indistinguíveis no panteão dos inimigos do estado, da sociedade e da segurança nacional. (COWAN apud GREEN, 2014, p. 28)

De modo geral, pertencer a qualquer grupo minoritário tornou-se complicado durante o Regime Militar no Brasil, era sempre buscado colocar todos esses grupos em uma mesma categoria, eram sempre considerados inimigos do estado pelo fato de buscarem uma organização política e ir contra o que era estipulado pelas normas instauradas pelo regime, fato que tendeu a se intensificar durante a aplicação do Ato Institucional Número 5 – AI-5. Nota-se ainda, como colocado por Benjamin Cowan (2014) “os homossexuais publicamente identificáveis” eram os que primeiro sofriam as repressões e eram colocados junto ao grupo de inimigos, tais homossexuais eram principalmente travestis, que mesmo nem participando diretamente de levantes políticos sofriam grande repressão, e os homossexuais mais públicos, líderes de grupos gays e agentes mais públicos de sindicatos. Ao que se vê, homossexuais ditos como “retidos”, não públicos, pertencentes a alguma família influente ou que mesmo se mantinham nas sombras do medo, tenderam a sofrer menos perseguição.

Apesar de barreiras diversas, há sempre uma outra face para todas as questões. Após a abertura dada pela redemocratização com o fim do Regime Militar e com a crescente luta dos grupos minoritários por direitos civis, dentre estes grupos estariam os homossexuais, lutando principalmente por direito à saúde de qualidade, direitos relacionados ao casamento e a adoção e até pela ocupação de cargos públicos e políticos.

Pode-se dizer que o movimento homossexual não aconteceu no Brasil enquanto não aconteceram os movimentos de juventude que viriam, a partir dos anos 1960, questionar os valores da sociedade burguesa como reflexo dos movimentos europeu e norte-americano que, pelo próprio caráter de suas contestações, impulsionaram o movimento homossexual em nível mundial. O reflexo desse movimento no Brasil foi a radicalização do movimento estudantil que se tornaria ponta de lança no enfrentamento à ditadura (OKITA, 2015, p. 75)

Com a queda da ditadura, o fim do AI-5, a crescente demanda por lutas sociais, a organização mais firme de determinados grupos politizados somara o que seria o novo cenário político-social brasileiro. Os homossexuais tornaram a tomar seu lugar de fala e iniciaram a

criação de grupos, principalmente nas grandes capitais do Sudeste, para assim criarem um panorama de como seria feita a luta organizada em prol dos homossexuais. O pontapé inicial se deu no fim de 1977, quando Winston Leyland visitou o Brasil e plantou a ideia mais forte sobre o desenvolvimento de grupos gays nos Estados Unidos e de como se dava a circulação de jornais e revistas sobre a temática homossexual na América do Norte.

Diferentes marcos cercaram o desenvolvimento da luta homossexual no decorrer dos anos. Como colocado por Regina Facchini (2005), o movimento homossexual surgira aspirando reivindicações por direitos civis universais, voltadas a uma maior amplitude da sociedade, não apenas aos guetos. A partir de 1970 o movimento homossexual brasileiro toma melhor forma. A autora ainda define a trajetória do movimento por meio de uma descrição de três ondas, uma que vai de 1978 a aproximadamente 1983; uma segunda que vai de 1984 a 1992 e uma terceira de 1992 aos dias atuais.

Aliada ao movimento feminista e ao movimento negro, a "primeira onda" do movimento homossexual continha propostas de transformação para o conjunto da sociedade, no sentido de abolir vários tipos de hierarquias sociais, especialmente as relacionadas a gênero e a sexualidade. Pertenceram a essa fase o grupo Somos de Afirmação Homossexual, de São Paulo, e o jornal *Lampião da Esquina*, editado no Rio de Janeiro, que promoviam a reflexão em torno da sujeição do indivíduo às convenções de uma sociedade sexista, gerando espaços onde a diversidade sexual podia ser afirmada. (FACCHINI, 2005, p. 66-67)

Em 1979 surgiu o grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual. O nascimento do Somos se deu de forma gradual em São Paulo, de acordo do Jorge Rodrigues (2010), o escritor João Silvério Trevisan, iniciaria a formação de um pequeno grupo para discutir a homossexualidade, isso ainda em 1976. Poucos homossexuais apareceram, e mesmo relutantes em falar sobre sua condição homossexual já davam exemplo e inspiração a outros que aos poucos participaram das reuniões. Trevisan sempre buscou encorajar os homossexuais a participarem das reuniões. Como pertencentes a um grupo minoritário, os homossexuais eram em suma ligados às lutas da esquerda, outro ponto delicado voltado a causa homossexual, pois para Trevisan (2002, p. 338), “[...] do ponto de vista da esquerda ortodoxa, as chamadas “minorias” apresentavam temas espinhosos. E, para nós das “minorias”, a sensação era de estar prensados num círculo de ferro, à direita e à esquerda”.

Tal peleja entre os grupos homossexuais e a esquerda vieram ater mais enlances delicados quando alguns grupos mais ferrenhos da esquerda consideraram os grupos de luta homossexual como “luta menor”. Segundo Trevisan, em 1979 acontecera o ápice da discussão quando, na Universidade de São Paulo, uma discussão calorosa entre a esquerda ortodoxa que legitimava

sua fidelidade à luta de classes e ao proletariado e os homossexuais que não desmereciam a luta de classes, mesmo não sendo totalmente abrangidos por ela.

Em fevereiro de 1979, os membros deste grupo já agora batizado de “SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual” apareceram pessoalmente em público durante um debate sobre as minorias, promovido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A importância deste debate é que marcou mais uma vez a crescente importância do movimento homossexual como interlocutor legítimo na discussão dos grandes assuntos nacionais. (...) deu impulso à formação de outros grupos similares em São Paulo e outras cidades como também em vários estados. (FRY, 1983, p. 12)

Neste entremeio tal grupo já havia criado do jornal *Lampião da Esquina*, a exemplo dos jornais livre estadunidenses. Lançado em 1978 o jornal se tornaria o marco para os grupos homossexuais de todo país e fonte de luta contra o preconceito, hoje ainda é considerado o maior jornal gay de circulação nacional. Já em 1980 houve a primeira cisão do grupo *Somos* e assim nasce o primeiro grupo exclusivamente lésbico. Ainda nesse ano há a pretensão de se criar um movimento a nível nacional, fato que só se consumaria em 1995. O Grupo Gay da Bahia-GGB aumenta sua influência ainda em 1980 e acrescenta o Nordeste ao movimento homossexual que era quase exclusivamente detido ao Sul e Sudeste. Entre 1981 e 1985 o GGB coordena uma campanha pela despatologização da homossexualidade.

A “segunda onda” se iniciaria quase que juntamente com a epidemia do HIV/AIDS, há nesse momento uma queda no número de grupos homossexuais, buscava-se em primeiro lugar uma resposta em relação ao surto do HIV/AIDS, fato que era tratado quase que exclusivamente por homossexuais, haja vista que o próprio governo não abarcara tal responsabilidade. Há uma crescente demanda voltada a bens e serviços voltados aos homossexuais, somando isso a epidemia de AIDS e a decrescente quantidade de grupos homossexuais deu maior visibilidade ao GGB no Nordeste e ao grupo *Triângulo Rosa* no Rio de Janeiro.

A volta ao regime democrático implica a falência do modelo de organização comunitária autonomista vigente nos grupos da “primeira onda”. Já não existe mais a ditadura, o inimigo externo que tornava vários movimentos unidos contra o autoritarismo. O que faz com que o modelo anterior de mobilização não funcionasse mais. Além disso, a chegada da epidemia do HIV/Aids, então apresentada como “câncer gay” ou “peste gay”, desmobiliza as propostas de liberação sexual tais quais delineadas na “primeira onda”. (FACCHINI, 2005, p. 73)

É na segunda onda que um pragmatismo mais intenso em relação aos direitos civis, há uma organização mais formal, uma definição de cargos e uma formalização legal dos grupos. Neste momento há uma relação mais próxima entre os grupos nacionais e internacionais. Outro marco importante foi a adoção do termo “orientação sexuais” em vez de “opção sexual”,

retirando a ideia de que homossexualidade seja algo a ser escolhido e sim uma condição inata do comportamento.

A terceira e última onda toma força na década de 1990 e se tem uma melhor definição entre os sujeitos políticos dentro do movimento homossexual, há um compartimento entre as definições de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. O que antes era considerado grupo homossexual tenderia a abranger Gays e Lésbicas, afastando ainda mais Travestis que era o grupo mais atingido pelo preconceito e pelo HIV/AIDS, Transexuais buscavam melhores condições em relação a medicamentos hormonais e cirurgias de redesignação sexual. Em 1995 a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis-ABGLT é formada com a intenção de reunir as várias organizações voltadas a este movimento.

A partir da fundação da ABGLT, há um processo de multiplicação de redes nacionais. Em 2007, havia sete redes: a ABGLT, a Associação Brasileira de Lésbicas (ABL), a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), a Associação Nacional de Travestis (ANTRA), o Coletivo Nacional de Transexuais (CNT), o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB) e a Rede Afro LGBT. Há ainda a criação de redes locais, como é o caso do Fórum Paulista GLBT (...). (FACCHINI, 2005, p. 92-94)

Os primeiros passos para um movimento homossexual nacional foram bem conturbado, porém de suma importância para a abertura a um diálogo mais preciso entre o próprio movimento e com grupos minoritários adjacentes. Com a criação do Somos outras portas foram abrindo, outros grupos formados e um encorajamento nasceu, tem-se o nascimento de uma identidade homossexual nacional, que foi sendo maturada e revista e que ainda o é atualmente. Todo o processo foi gradual, porém se compararmos a construção social do Brasil e o desenvolvimento de um movimento homossexual nacional podemos perceber a rapidez que tal movimento se formou. Temos entre a década de 1960 e a atualidade uma evolução considerada em relação a luta homossexual.

2.3 Uma abertura necessária à escrita da imprensa homossexual.

Apesar dos muitos percalços, houve um crescimento exponencial na quantidade de jornais produzidos no período pós-ditatorial, principalmente jornais considerados independentes e de circulação restrita em algumas regiões do país. E como é citado por Flávia Péret (2012) em seu trabalho sobre a imprensa gay no Brasil, a imprensa nacional de forma geral é exponencialmente recente, com pouco mais de duzentos anos, seria ela relativamente nova em relação a outros jornais da América Latina que já circulavam desde o século XVIII

enquanto no Brasil só se tem notícias de um jornal de grande circulação no século XIX. O escopo principal desses jornais produzidos no país era refletir sobre o modo de vida de cada época e em relação a homossexualidade, a autora relaciona duas formas de direcionamento a este público, ou sob a forma de sátiras ou noticiando fatos policiais envolvendo homossexuais e travestis.

Os periódicos sempre foram bons comunicadores das histórias da vida e dos sonhos. Além disso, eles criam verdadeiros espaços de manifestação de opiniões acerca de um certo tema, com alguma coerência ideológica entre si, e colaboram para congregar um determinado grupo de pessoas que leem a mesma história e compartilham dos valores ali expressos, e que de alguma maneira se identificam com eles. (RODRIGUES, 2010, p. 63)

A imprensa homossexual, em comparação às grandes mídias jornalísticas de circulação nacional, foi sempre encaixada do termo imprensa alternativa. Cecília Peruzzo (2004, p. 120-121) descreve que o termo “Imprensa Alternativa” vem a se referir a revistas e tabloides que surgem como uma opção crítica em tempos de censura que iniciaram sua maior produção e circulação entre as décadas de 1960 e 1970.

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. (KUCINSKI, 1991, p. 13)

Um dos fatores primordiais para o nascimento e o fim de tantos periódicos se dá pelo elevado grau de censura durante o período em que os militares estiveram no poder. A imprensa alternativa era a única com coragem o suficiente para propor um questionamento aos fatos que ocorriam na época. Segundo Rivaldo Chinem (1995, p. 7), esses jornais ficaram conhecidos como imprensa nanica, de leitor, independente e underground.

A imprensa alternativa fazia oposição sistemática ao regime militar, denunciava a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico. Vivíamos a época do chamado “milagre” – que quase se mostrou, afinal, só um malogro. Entre a verdade e a lenda, a propaganda oficial e parte da grande imprensa davam preferência ao que era mais cômodo, ao que interessava aos donos do poder. (CHINEM, 1995, p. 8)

Os anos de chumbo da Ditadura Militar foram conturbados e imprecisos, principalmente para a imprensa que não buscasse seguir regras ou manter-se alinhada ao código de censura. Havia uma brusca necessidade de encontrar culpados, e que estes fossem de esquerda, para assim justificar ainda mais a perseguição dos militares aos grupos contrários a suas ordens, notou-se um número considerado de ataques terroristas que eram plantados pelo próprio poder militar, para assim culpar a esquerda, como foi o caso do ataque a bomba ao jornal O Estado de São Paulo.

A censura seguia uma espécie de decálogo que proibia: 1) Inconformidade com a censura de livros, periódicos, jornais e diversões; 2) Campanha pela revogação dos Atos Institucionais, nomeadamente do AI-5; 3) Contestação ao regime vigente – difere da oposição, que é legal; 4) Notícias sensacionalistas que prejudicam a imagem do Brasil e as tendentes a desnaturar as vitórias conquistadas pelo país; 5) Campanha de descrédito da política habitacional, do mercado de capitais e de assuntos de vital importância para o governo; 6) Notícias de assaltos a estabelecimentos de crédito e comerciais, acompanhadas de relatos detalhados e intrusivos; 7) Referências à tensão entre Igreja católica e o Estado e à agitação nos meios sindicais e estudantis; 8) Publicidade sobre nações comunistas e pessoas do mundo comunista; 9) Críticas contundentes aos governadores estaduais, procurando demonstrar o desacerto da escolha pelo governo federal; 10) Exaltação da imoralidade, com notícias sobre homossexuais, prostituição e tóxicos. (CHINEM, 1995, p. 16)

A lista conseguia abranger uma série de setores, sendo considerado como um guia do Regime Militar, mesmo com a existência da Lei de Imprensa (Lei Nº 5.250 de 9 de fevereiro de 1967), o que mais se seguia era o decálogo reafirmado pelos militares. Havia um certo poder acima da lei, o que muito via-se era a destruição de bancas de jornais e prédios editoriais, mantinha-se o terror e o medo para afugentar os que buscavam respostas.

Em relação aos impressos homossexuais não seria diferente, muitos surgiram de forma tímida, alcançaram seu algo e foram engolidos pela censura ou até pela não abertura dentro do próprio meio homossexual. Juntamente com jornais voltados à resistência cultural, como os jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres, nascia ressurgia a imprensa homossexual, pretendia-se acrescentar ainda mais ao debate cultural e das minorias. Alguns jornais que poderiam ser citados, e que influenciaram o meio gay, listados por Flávia Péret (2012) estão O Snob, que, segundo a autora, foi a primeira publicação abertamente homossexual divulgada no Brasil. O Snob começou como um folhetim datilografado em frente e verso e distribuído nos locais onde gays costumavam se encontrar, com o tempo ganhou uma capa ilustrada e colunas que traziam fofocas, contos, poesias, moda e beleza, concursos e reportagens. A grande maioria eram assinados por pseudônimos. O diferencial adquirido por este jornal seria a capacidade de trazer o modo de falar dos homossexuais e foi responsável por disseminar diversas gírias dentro do meio homossexual, sendo outro ponto importante debatido pelo jornal foi a questão de gênero e a dualidade existente dentro do próprio meio homossexual entre bichas/bofes.

Além disso, imperou o surgimento de mais de trinta publicações (...). Ao todo foram produzidas 99 edições de O Snob, que circularam de julho de 1963 a junho de 1969, ano em que um importante acontecimento envolvendo gays norte-americanos definiria os movimentos e lutas a favor dos direitos dos homossexuais no mundo. (PÉRET, 2012, p. 27-28)

Este acontecimento, como já descrito anteriormente, seria os acontecimentos da noite 28 de junho de 1969 no bar Stonewall em São Francisco nos Estados Unidos. Ainda como

coloca Flávia Péret (2012), dentro do território nacional outros jornais independentes surgiram, quase como um em sequência do outro, alguns formados por integrantes de outros jornais que deixavam de circular. Como por exemplo, Anuar Farah, que ajudou a construir O Snob e em 1968 lançou o Le Femme. Em 1967 surgiria também Os Felinos, colaboração entre Agildo Guimarães e Gato Preto. Agildo que junto com Farah criaram o Gente Gay em 1976, em 1977 surgiram o jornal Entender e Mundo Gay, voltados a criar roteiros de bares e restaurantes. Fora de São Paulo, Waldeilton di Paula criou o Little Darling em Salvador.

O que se pode notar é que depois de 1964 jornais considerados da imprensa alternativa perderam força consideravelmente, principalmente nos grandes centros urbanos onde a fiscalização e a censura postas pelo Regime Militar eram mais intensas. Apesar das dificuldades houve um fortalecimento desse modelo de imprensa, pequenos jornais revolucionários conseguiram resistir e criar barreiras contra as forças militarizadas.

De forma mais didática, se coloca no livro “Imprensa Gay no Brasil” uma linha cronológica dos jornais e fanzines de circulação nacional de 1963 a 2007, mas nos cercaremos de trabalhar até o jornal Lampião da Esquina.

1963 É criado, no Rio de Janeiro, o fanzine O Snob, por Agildo Guimarães.
(...)

1967 É lançado em Niterói (RJ) Os Felinos, revista de pequeno formato idealizada por Hélio Gato Preto.

1968 No Rio de Janeiro, aparece a minirrevista Le Femme, editada por Anuar Farah.

1970 Em Salvador, o fanzine Little Darling é criado por Waldeilton di Paula.

1976 O jornalista Celso Curi publica a “Coluna do meio”. (...) Anuar Farah e Agildo Guimarães lançam, no Rio de Janeiro, o jornal Gente Gay.

1977 O poeta Glauco Mattoso publicou no Rio de Janeiro o Jornal Dobrabil, fanzine de poesia visual e satírica, com espaço pra humor gay.

1978 É lançado Lampião da Esquina, jornal de comportamento e cultura gay, com enfoque em questões políticas e de direitos das minorias, com redação no Rio de Janeiro e São Paulo (...). (FLÁVIA PÉRET, 2012, p. 130)

Sabe-se que determinados periódicos são frutos de sua época, pretendem refletir sobre fatos presentes mesmo sem deixar de olhara para o futuro. Para além de suas mudanças e evoluções, os periódicos sempre foram “ excelentes veículos das histórias da vida de dos sonhos” (RODRIGUES apud COSTA, 2010, 403), cabe dizer que são excelentes criadores e mantedores de identidades, o que mais nos importaria nesse momento. Diante de uma recente

imprensa nacional, o que se nota é a rápida evolução dos jornais, que, mesmo diante de fatos adversos, manteve-se forte, principalmente na forma de uma imprensa dita como contrária, mas que se manteve firme e sempre questionando o poder.

A imprensa alternativa conseguiu manter o germe da identidade de diversos grupos, dentre eles o homossexual, tinha-se uma arma importante que ia muito além de escrever e retratar, buscava-se sobreviver e reafirmar uma identidade que buscavam apagar e suprimir. Falar da imprensa homossexual é falar da construção da identidade, como já discutido anteriormente, uma identidade que era interna ou externa, mas que a imprensa nacional conseguiu ser instrumento de externalização de uma identidade interna, criando assim uma passagem dentro da linha fronteira entre o público e privado, entre o manter-se nulo ou “atravessar a fronteira” (LOURO, 2010).

CAP. 3 – A ECONOMIA DISCURSIVA DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA: Surgimento, estrutura, sujeitos de fala e homoerotismo em colunas literárias

Nos anos finais da Ditadura Militar surge o que hoje é considerado o maior jornal relacionado a homossexualidade brasileira. Neste capítulo buscaremos acender a luz do lampião, buscar demonstrar como este meio de disseminação de ideais cresceu a tal ponto de tornar-se fonte de debates e discussões sobre o comportamento homoerótico brasileiro. Além de descrever o nascimento do jornal, nos vem a necessidade de descobrir como o mesmo se compõe, da forma de sua diagramação, de seus símbolos e imagens e de como havia uma organização para que este jornal se tornasse atrativo ao ponto de conseguir ser lido mesmo com as diversas barreiras relacionadas a aceitação do comportamento dos homoeroticamente inclinados. Por fim, passamos à análise do tema do homoerotismo na coluna literária deste jornal.

3.1 A luz do lampião se acende.

Ainda no momento em que o Brasil experimentava os anos de chumbo da Ditadura Militar e seu decréscimo, a imprensa alternativa continuava forte, construindo um debate firme em relação a temas políticos e sociais. No meio homossexual a principal busca estava ligada à liberdade e representação, além do envolvimento com demais grupos de minorias que buscavam a liberdade política e a redemocratização do país. Em meio a tantos discursos e bandeiras, um jornal começava a tomar corpo, forma, voz e força, o Lampião da Esquina criou uma atmosfera nova no movimento homossexual brasileiro, conseguindo construir debates ferrenhos sobre política, apresentar um humor ácido e irreverente típico do meio “guei”, trazer novidades e entretenimento. Tudo isso produzido por homossexuais e para homossexuais, conseguindo alcançar dezenas de pessoas em quase todo o país.

As instâncias de conformação (condição de produção) do primeiro grupo “público/político” homossexual se produzem a partir das interações cotidianas e intercâmbios emocionais de pequenas redes de homens do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, unidos por condições de classe, orientação sexual, amizade e profissão. (FIGARI, 2007, p. 415)

É certo que Lampião da Esquina não teve em seus primórdios um grupo diversificado, em relação a questão de classe econômica, praticamente todos os integrantes do editorial pertenciam a classe média paulista ou carioca, não impedindo que temas relacionados a classe trabalhadora e operaria e grupos mais carentes deixassem de ser inseridos no jornal. Outro

detalhe é a quase unanimidade em relação a profissão desses editores, a maioria já trabalhava em outros jornais, alguns se dividiam entre a produção para jornais e também eram escritores, haviam ilustradores e no decorrer do desenvolvimento dos números do jornal outros profissionais foram inseridos.

Como já citado anteriormente, com a visita de Winston Leyland em 1977 a ideia de criar um jornal homossexual no Brasil surgiria, tomando como base as ideias colocadas por Leyland e dos jornais norte-americanos voltados à luta gay. João Silvério Trevisan já travava algumas lutas em relação a questão política e homossexual, a mais memorável foi o debate na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo entre os grupos da esquerda ferrenha e os grupos homossexuais que até então eram considerados como “luta menor”. Como descrito por Carlos Figari (2007, p. 416), a partir de várias discussões e da arrecadação de uma quantia em dinheiro para custear as primeiras edições, em abril de 1978, aparecia o número zero de *Lampião da Esquina*.

As tensões geradas dentro da conjuntura política e social brasileira fizeram explodir uma série de periódicos da chamada imprensa nanica, o maior representante viria a circular no final da década de 1970. Até então chamado de *Lampião*, posteriormente rebatizado de *Lampião da Esquina* por haver um outro jornal sulista com o primeiro nome, o periódico circularia em todo o Brasil entre 1978 e 1981 e já no número zero conseguindo a distribuição de 10 mil exemplares, número esse que aumentaria para 15 mil nos outros números do jornal. Com uma equipe editorial formada por uma elite intelectual, o foco do jornal seria a luta política.

O *Lampião da Esquina* faz resistência, enfrenta a moral conservadora da esquerda e o pragmatismo da direita. Poucos jornais da imprensa nanica refletiam as mudanças comportamentais pelas quais o mundo e o Brasil estavam passando. A preocupação maior era discutir os caminhos que a política brasileira viria a tomar, ou, como se dizia na época: “É necessário unir-se pela luta maior!”. (RODRIGUES, 2010, p. 66)

Desta equipe faziam parte Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Como colocado acima, todos faziam parte de uma elite intelectual, alguns já trabalhando em outros jornais e editoriais, outros escritores já reconhecidos ou artistas plásticos e visuais. Já no *Número Zero* (1978) é criada uma apresentação em dois momentos, já na segunda página se tem uma lista geral da equipe editorial e dos colaboradores que ajudarão a organizar e incrementar o jornal uma biografia dos que compõem o Conselho Editorial.

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva Editores: Darcy Penteadó, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Laponi Araújo, Billy Aciolly, Luis Canabrava (Rio), José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória), Glauco Matoso (São Paulo), Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).

Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá

(LAMPPIÃO, Número Zero, 1978, p. 2)

A afirmação identitária do homossexual brasileiro já calcava seu caminho décadas antes do Lampião, o que se tem a partir da década de 1970 é uma explosão de espaços dando mais abertura a grupos homossexuais, principalmente no sentido do entretenimento, algumas saunas, bares e cinemas criam uma certa abertura aos frequentadores gays. Há uma grande influência dos movimentos sociais norte-americanos. Jorge Caê Rodrigues (2010, p. 67) ainda coloca que “Isso acaba por se refletir na linha editorial do Lampião, que com o tempo passa a ser o porta-voz de discursos inflamados sobre sexualidade, no que ela tem de positivo e criador, atingindo milhares de leitores ávidos de poderem ver-se espelhados nas páginas do jornal”.

Ainda segundo o autor, a criação de um jornal ou revista que busca narrar acontecimentos de determinado grupo ou temática tende a selecionar assunto que fundamentam e fortalecem a identidade dos grupos a que se destinam. Com o Lampião da Esquina não poderia ser diferente, com a busca por uma temática direta e uma leva importante de debates, o jornal conseguiu alcançar inúmeros subgrupos dentro do meio homossexual e conseguir um diálogo entre eles e com alguns grupos que não faziam parte da causa homossexual.

Dentre os muitos fatos que serão colocados como legado do século XX, claramente estará a capacidade de organização política e social, um legado que nos acompanha até a atualidade e trazem reflexões importantes sobre a composição de uma sociedade que até então tratada como homogênea, mas que a partir de 1940 desponta como um antro de diferenças, um meio composto por grupos diferentes e dentro destes mesmos grupos apresentando suas diferentes realidades. Uma intersecção de fatos e características que cunharam a sociedade atual e escancararam as diferenças, fato que a nós é precioso no sentido de mostrarmos-nos enquanto

seres sociais. Um século que nos mostrou a explosão do consumo, as várias formas de vivência, os estudos sobre as sexualidades, o cuidado de si, a sobreposição do indivíduo e sua identidade.

Como apontado por Stuart Hall (2006, p. 11-13), esse entremeio estaria muito bem-conceituado no dilema-entre a aquisição de uma identidade social, onde o sujeito requer e tem a necessidade no meio, o núcleo interior do sujeito não tinha autonomia e era formado pelas relações interpessoais. Mesmo com um núcleo essencial interior o sujeito tenderia a ser modificado pelo exterior. Entretanto, a concepção da identidade social trouxe uma série de informações ao sujeito a ponto deste se sobrecarregar de fatores externos, buscar a interferência dos meios individuais que acabou por criar uma identidade fluida, essa não fixidez de identidade, essa não necessidade de ter uma só identidade criou o sujeito pós-moderno. Desta forma, se valendo da teoria trazida pelo autor, o sujeito do final do século XX, os vários grupos sociais que iam se formando tenderam a estar nesse limbo entre sofrer interferências externas e criar uma identidade pessoal, sendo que esta mesma não seria fixa. Temos assim um sujeito homossexual que busca sua identidade, mas se modifica diante dos fatores externos, mas que tende a criar sua própria identidade coletiva e individual.

Dentre essas caracterizações tem-se a construção de um olhar diferente sobre as revoluções minoritárias, dentre elas os homossexuais, a saída do discurso médico e a recepção do movimento social e político feito por estes mesmos grupos, outro fator é a autoconstrução da liberdade e da identidade do indivíduo, momentos em que ferramentas eram criadas e recriadas para facilitar tal processo. A saída do gueto tornou público a necessidade de construir barreiras, antes ideológicas, mas agora pessoais, tanto de afirmação quanto de proteção. Tais ferramentas estariam ligadas à fatores intrínsecos, como uma fala, um movimento, uma organização política ou ser algo físico, como uma caricaturização, a literatura ou, no nosso caso, um jornal.

Como ponto de congruência da afirmação identitária do sujeito, sendo ela individual, social, fixa ou mutável, temos o surgimento dos diversos jornais homossexuais supracitados e como já percebido, cada um deles buscando uma caracterização diferente para o homossexual, mas com ponto de interligação, se tinha no geral a construção de um modo de vida coletivo, mas ao mesmo tempo cada jornal conseguia criar linhas próprias de diálogo, uns voltados mais a vivência individual diante do comportamento, moda e corpo; outros tratando do modo de viver, festas, bares e bailes; uns buscando discutir política e até mesmo integrar diferentes olhares de diferentes temas em relação a homossexualidade.

Por ser uma forma até corriqueira de meio comunicativo, o Lampião da Esquina tenderia a buscar meios para atrair seu público, ou trabalhando com um Layout ou Designe diferente ou cores mais chamativas. Tudo era válido para buscar um diferencial, porém o que veremos é que em relação ao formato o Lampião da Esquina ainda permaneceria cometendo alguns erros, nesse sentido não houve mudanças significativas, entretanto, em relação as suas cores e matérias das capas alguma coisa conseguia diferencia-lo. A ideia a partir deste momento é analisar como o Lampião da Esquina se valeu dos recursos gráficos e visuais para demonstrar um diferencial dos demais jornais da época, não bastava tratar de um tema novo, era necessário atrair e apresentar algo diferente. Para isso, as análises serão compostas em tópicos, direcionados à diagramação, composição de página, escolha de cores e imagens. Todos isso nos dará maior adesão ao jornal em si.

Partindo dessa ideia, buscaremos traçar uma descrição minuciosa sobre os textos e imagens do jornal, buscando por pontos de relevância entre sua composição e diagramação, desta forma buscaremos analisar a aquisição identitária do homossexual dentro do jornal, se isso acontece de fato ou se seriam usados pontos de marketing ou ligados mais ao que chama atenção mercadologicamente falando ou se haveria uma importância ideológica inserida nesta diagramação. De modo geral se buscará traços da composição da identidade diante do que é tratado no jornal e quais as importâncias dadas a temas desse tipo.

Lampião da Esquina possuía uma diagramação geral que teria sido seguida por vários de seus números, exceto dos volumes extras, que seriam três o total. As matérias estariam divididas em Opinião, Esquina, Reportagem, Literatura, Ensaio, Tendências e Cartas na mesa. Cada uma voltada a uma forma de escrita diferente, mas que seguiam bem a tendência dos jornais da época, um pequeno pecado que não deixava à mostra algo novo que identificaria o Lampião da Esquina em relação a forma de organização de colunas e matérias.

O Lampião utiliza a composição visual padrão, ou seja, aquela baseada em blocos horizontais e/ou verticais, e não traz nada de novo ou criativo. As matérias são dispostas ocupando o número de colunas estabelecidas na mancha gráfica do periódico. Essa forma de diagramar tende à monotonia e ao cansaço visual. Com exceção das páginas dedicadas a poesias, todo o resto do jornal mantém-se preso ao diagrama das quatro colunas. (RODRIGUES, 2010, p. 109)

Em relação as três edições extras houveram alterações em suas composições diagramáticas, o escopo consistia em Capa, Opinião, Entrevista e Esquina na Edição Extra 1-dezembro de 1979, dentro da coluna opinião já se tem uma explicação da necessidade de fazer-se esta edição especial, deixando claro que “nesta edição é que o "Lampião" não procura seus

assuntos por sua evidência ou porque 'vendam jornal". A raiz da escolha é a sua capacidade de aprofundar e esclarecer questões que consideramos fundamentais”, buscava-se discutir temas voltados sobre a homossexualidade dentro das entrevistas, debatendo diretamente com figuras importantes como Ney Matogrosso, Clodovil Hernandez, Anselmo Vasconcelos e Lecy Brandão, por fim, na última coluna se trazia a opinião e indicação de livros de temática homossexual; na Edição Extra número 2 contém Capa e Ensaio, sendo estes de temas diversos, que brincam com a denominação “heterossexual”, fazendo uma alusão ao erro, a ser uma orientação sexual perversa ou diferente, jogando com o ideário que se tinha sobre a homossexualidade, se discutiu sobre a matança homossexual, o prazer da mulher, estupro e questões raciais; na Edição Extra número 3-1980 se compunha de Capa e entrevistas, uma delas com Manuel Puing, uma tradução de uma entrevista de Sartre e uma última sobre uma noite de trabalho e sufocos de três travestis. Cabe lembrar que as edições extras se destinavam a fazer um compilado de matérias já publicadas nos demais número e que possuíram uma repercussão considerada.

Quando se decidiu fazer esta edição especial do "Lampião", com as melhores entrevistas publicadas pelo jornal em seus quase dias anos de vida, não nos passou pela cabeça fazer um balanço ou uma avaliação do pensamento liberiano no Brasil. Embora a modéstia não seja propriamente o nosso forte. Víamo-nos como uns nanicos mal desmamados, ainda sem a casca grossa e conseqüentemente sem o direito de estar entre as primeiras daquelas publicações que se batem pelo direito de liberdade de expressão desde que surgiu no Brasil o fenômeno da imprensa alternativa. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Edição Extra 1, dezembro de 1979, p. 2)

Em relação as capas dessas edições, os comentários serão tecidos de forma mais adequadas quando irei tratar da escolha diagramática das mesmas, ponto importante e que merece um pouco mais de atenção, haja vista que o uso de capas com layouts mais chamativos foi o diferencial do Lampião da Esquina.

3.2 É lançado o Número Zero.

Em abril de 1978 é dada a partida ao jornal, ainda com o nome Lampião e assinalando que seria uma edição experimental, o tabloide já chamaria a atenção por suas cores na capa, um vermelho vivo que atrairia a atenção dos leitores, exposto também no canto superior esquerdo viria a logo do jornal, símbolo que acompanharia o jornal em toda sua trajetória, tal logo trazia uma alusão dupla, a primeira ao Lampião cangaceiro, que teve como símbolo seu chapéu de couro armado e seus óculos arredondados, a segunda referência seria ao órgão genital masculino em estado de repouso, representado por dois círculos e um trato vertical central. Bem ao topo

da uma chamada em preto e branco que se destacava no fundo vermelho com o tema “Homo eroticus. Um ensaio de Darcy Penteado”. Logo abaixo e ao centro da página duas imagens, a esquerda uma fotografia e a esquerda dois desenhos e ao meio uma segunda chamada, “Celso Curi processado. Mas qual é o crime desse rapaz?”, a matéria traria a repercussão sobre a demissão de Darcy do jornal Última Hora de São Paulo onde escrevia para a Coluna do Meio e teria sido cortado por contenção de gastos, mas se levanta o debate sobre a perseguição que ele sofria ao falar de homossexualidade e haver sido enquadrado na Lei de Imprensa por ofender a moral e os bons costumes. Na parte inferior da capa lia-se “Uma noite no Cinema Iris” e por fim o rodapé com a lista dos colaboradores do número lançado.

Logo de cara se tem algo chamativo, o Lampião não pecaria em escolher uma primeira impressão gritante, queria-se chamar atenção e bem que conseguiram. Matérias limpas e que requeriam a atenção do leitor, cores vibrantes que diferenciavam o jornal dos demais lançados na mesma época, uma escolha de fontes grandes e largas com cores que destacariam no fundo e imagens que uniam xilogravura, fotografia e desenhos. Tais características da capa se repetiria nas demais edições.

Por ser um número de apresentação, já na página dois, na coluna Opinião. Um texto que tinha como autor “O Conselho Editorial”. Ao dar abertura ao debate sobre homossexualidade de forma mais política e buscando trazer uma nova leitura ao meio da imprensa alternativa, o Lampião da Esquina abre seu debate “Saindo do Gueto”, uma matéria dura e concisa sobre as intenções a que o jornal se prestaria, um ponto de vista centrado e já com pequenas críticas sobre a sociedade brasileira, face esta que já era percebida pelos editores do jornal e que os mesmos colocam como uma visão que os homossexuais têm da sociedade. A priori já se nota uma dureza de discurso, uma fala dura destinada aos heterossexuais, quase que como se aquilo estivesse sendo falado por todos os homossexuais brasileiros.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes³ e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (LAMPIÃO, Número Zero, 1978, p. 2)

³ (ademanes) Conjunto de expresiones, gestos, movimientos, actitudes, etc., que una persona utiliza para comportarse en público y con las demás personas, especialmente según ciertas reglas sociales comúnmente admitidas.

Outras palavras-chave se fazem presente neste texto de abertura do jornal, palavras que representam um sentimento de mudança, busca por liberdade e uma identidade homossexual, segundo eles o *Lampião* ajudarão a criar essa aceitação e auxiliarão na aceitação e para além disso, o que se pretendia era resgatar a humanidade do homossexual e seu direito à realização enquanto tal. O compromisso estava selado em discutir diretamente com outros grupos minoritários, como os negros, índios, mulheres e minorias étnicas.

Algumas análises poderiam ser feitas diante dos discursos proferidos nesta coluna de abertura, hoje podemos ter uma noção que alguns pontos foram sendo cumpridos dentro do jornal, alguns outros nem tanto. Ao longo de sua história o jornal criou um debate paralelo com outras minorias, mas principalmente se ateve ao movimento homossexual e esqueceu em partes os demais grupos a que se referiu, como a predominância de homens gays no jornal, os editores até iriam justificar a falta de mulheres na edição do jornal.

Algumas mulheres escritoras se recusaram a participar da pesquisa. *Lampião da Esquina* justifica a ausência das mulheres alegando que convites não faltam para que estas participem dos debates acerca do feminismo, mas que a discriminação é bem mais complexa independente da orientação sexual. (LAMPPIÃO, Número Zero, abril de 1978, p. 5)

Após algumas críticas feitas por uma leitora do jornal houve uma adesão maior de mulheres ao *Lampião da Esquina*, mesmo que temas relacionados ao feminismo e às mulheres negras nunca tenham sido barreira aos editores.

Após a coluna *Opinião* em que Darcy Penteado fala sobre sua produção artística inspirada na homossexualidade e da coluna *Esquina* onde se fala de Garcia Lorca, homossexual ativista fuzilado na Espanha, entre outras matérias de cunho diverso, mas voltadas ao público homossexual. Dentro da coluna sobre reportagem há o detalhamento sobre a demissão de Cury e sobre a sessão no Cinema Iris, local frequentado quase exclusivamente por homossexuais e que houve uma batida policial. Se tem um espaço dedicado a literatura em que se expunham textos autorais de escritores consagrados ou até mesmo desconhecidos, neste segundo caso há uma justificativa dos próprios editores que,

Entre publicar poetas consagrados e dar vez aos jovens, nosso jornal escolheu o segundo caminho, e resolveu abrir esta página a todos os que se dediquem com talento e verdadeiro empenho à poesia. (...)a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana - a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal. (LAMPPIÃO, Número Zero, 1978, p. 10)

Segue-se assim as colunas com *Ensaio*, *Tendências*, que apresentava críticas e indicações de filmes, livros, peças de teatro e musicais. *Cartas na Mesa* dedicava-se ao

recebimento de cartas que apontam opiniões sobre o jornal e a resposta dada pelos editores a tais cartas. Algo notório é que tal seção, no Número Zero quase ao fim na edição, começa a tomar importância nos demais número do jornal, demonstrando uma certa importância dada ao público leitor e às críticas enviadas, tal coluna tendeu a fazer parte das primeiras páginas do jornal. Por fim um outro texto literário de Moacir de Moura intitulado “Aniversário”.

De todo modo o Número Zero do *Lampião da Esquina* já se mostraria promissor, criava-se uma atmosfera de acolhimento ao homossexual brasileiro em suas páginas, conseguiu-se trazer um material diversificado e que chamaria a atenção do leitor. Uma divisão coerente de toda a diagramação foi apresentada, não fugindo da forma já encontrada em outros jornais, se notou uma mescla significativa entre texto e imagem. Entretanto houveram alguns erros, que a princípio poderiam ser modificados nas edições seguintes, mas decidiu-se seguir com o modelo de páginas divididas por colunas, tendendo a ser inserida imagens em algumas partes do texto, textos estes por vezes carregados visualmente e com uma fonte um tanto pequena, dificultando a leitura.

3.3 Explorando a materialidade do jornal.

Ao referir-me ao layout e a diagramação do jornal venho justificar a importância de tal característica pelo fato desta tender a seguir alguns requisitos visuais que são pretendidos para prender o leitor à leitura, e assim conseguir unir a boa utilização do espaço à boa aparência do texto dado ao consumidor.

O diagrama de um designer organiza um conteúdo específico em relação ao espaço que ele irá ocupar. (...) o diagrama permite ao designe criar diferentes layouts contendo uma variedade de elementos, sem, todavia, fugir da estrutura predeterminada. Utilizado no design de uma publicação (...) o diagrama proporcionará um sentido de sequência, uma unidade, mesmo que haja variações consideráveis no conteúdo de cada unidade. (HURLBURT, 2002, p. 82)

No *Lampião da Esquina*, como já citado, o diagrama ainda segue os dos demais jornais, tanto pela facilidade em organização dos textos quanto da facilidade proporcionada ao ler. O que muito se nota desde o Número Zero é a unidade entre texto e imagem, tal união concebe uma leveza razoável à página, consegue tirar um pouco do peso dos textos carregados de informação e com fontes minúsculas. Esse efeito visual chamado de tipografia sempre foi o principal elemento da página impressa. Sob o peso crescente de uma saturação visual e consequente ênfase em relação aos conceitos verbais, a tipografia atinge o seu ponto de mais

alta prioridade no mundo do design (HURLBURT, 2002, p. 98). A grande utilização do verbal e do visual cresceu a certo ponto de buscar-se sempre as duas formas juntas, principalmente em jornais e revistas, tanto por um apelo gráfico/visual, quanto por um chamariz econômico. A tipografia usada no Lâmpião ao apelo gráfico e visual, conseguindo se utilizar de textos verbais e relaciona-los às imagens, ou criar títulos chamativos e destaca-los ainda mais com efeitos visuais ou imagens.

Figura 1: Representação da diagramação, do tamanho da fonte e do uso de título e imagem.



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

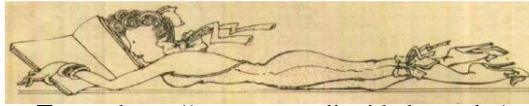
A exemplo disso estavam a busca por sempre colocar imagens dos entrevistados, principalmente no momento das entrevistas, trazendo um ar de naturalidade e diálogo com leitor, a inserção de gravuras produzidas por artistas nacionais em algumas partes dos jornais, a utilização dos cartazes de peças, filmes e mídias audiovisuais na coluna tendências, ao se falar destas. Um detalhe foi inserido a partir do número 4, de agosto e setembro de 1978, o uso de gravuras de Pinups nos cabeçalhos de algumas colunas, principalmente nas matérias de chamadas da capa e que tenderiam a ter certa repercussão, utilizou-se desde símbolo visual principalmente na coluna Reportagem, Tendências e Literatura.

Figura 2: Pinup Reportagem



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Figura 3: Pinup Literatura



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Figura 4: Pinup Tendências



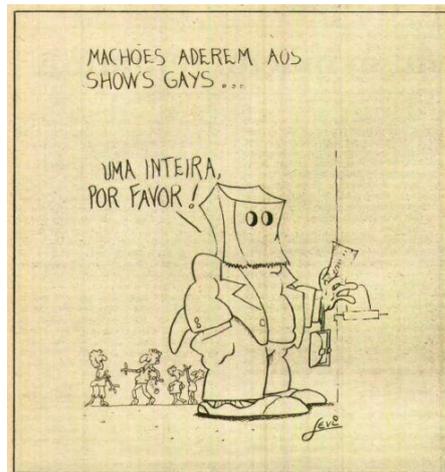
Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Não obstante ao uso de gravuras em cabeçalhos específicos, o *Lampião* conseguiu trabalhar de forma leve com as fotografias, não de forma aleatória, tais fotos eram escolhidas diretamente ligadas às matérias, fator bem comum aos jornais e revistas da época e até mesmo na atualidade, não por acaso também foi o uso de imagens diretas de entrevistados ou acontecimentos cobertos pelo jornal, além de buscar mesclar charges e fotografias.

A colocação de uma fotografia em uma página segue um dos seguintes caminhos: pode ser tirada uma foto com indicações específicas, para igualar ou se aproximar do esboço feito no layout; pode ser obtida uma foto com indicação genérica, para solução de um problema, sem que o fotógrafo siga o layout preconcebido; ou a foto é simplesmente escolhida no arquivo, e o layout utilizará os valores contidos no material selecionado. (HURLBURT, 2002, p. 110)

O que podemos afirmar é que o primeiro caminho indicado por Allen Hurlburt é o que mais se adequaria ao ideário do *Lampião da Esquina*, nenhuma imagem era colocada por acaso, essa arquitetura da estrutura foi muito bem pensada para aproveitar espaço e conseguir chamar atenção do leitor e envolve-lo na leitura, afinal, segundo o próprio Hurlburt (2002, p. 111), “as imagens que prendem nossa vista numa olhada ao acaso, em uma série de observações, são as que provavelmente atrairão a atenção do leitor na página impressa.” Da mesma forma as gravuras e charges muito utilizadas por todo o jornal em diversos números, como a caricatura de Carmem Miranda no número 4 de agosto de 1978 e até alguns desenhos provocativos como o colocado na coluna *Esquina*, “Deus nos livre do ‘boom gay’”, onde há um título “Machões aderem aos shows gays” e logo abaixo se tem o desenho de um homem com o rosto encoberto com um saco de papel comprando um ingresso e ao fundo se vê alguns desenhos menores representando gays e travestis dançando. O jornal conseguia assim prender a atenção do leitor para o texto à direita da página.

Figura 5: “Machões aderem aos shows”



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

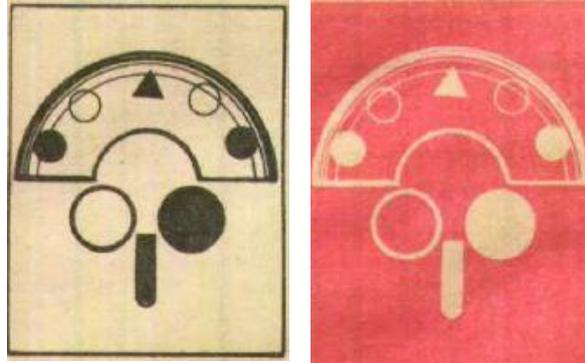
As capas produzidas por Mem de Sá por outro lado conseguiam fugir aos padrões de outros jornais, eram um detalhe a mais no Lampião, por ser o primeiro elemento de atração do leitor, tal espaço deve conter algo que o prenda e o faça seguir a leitura, como muitos dos jornais da mesma época do Lampião da Esquina, era muito comum o uso de imagens maiores e poucos textos, além disso, no Lampião se observava uma linguagem mais apelativa e dirigida ao público homossexual, além das cores berrantes e chamativas que se sobressaíam ao preto normalmente utilizado. Na capa, por via de regra, sempre se encontravam a logo do jornal, geralmente à esquerda no canto superior e ao lado a representação do seu nome, a palavra “Lampião” sempre era colocada em fontes grandes e um pouco menor e logo abaixo o complemento do nome “da Esquina”.

Esta representação, assim como todo o cabeçalho, vai sofrer pequenas mudanças no final de vida do jornal. No título do jornal, a palavra “lampião” é empregada com duplo sentido: num primeiro momento, ela simboliza a luz que ilumina; noutra, faz referência ao cangaceiro Lampião. O símbolo é seu rosto estilizado. (RODRIGUES, 2010, p. 117)

Como já comentado anteriormente, a logotipo faz alusão ao Lampião, o cangaceiro que se tornou figura popular no Nordeste e o jornal se usa de uma simbologia à sua imagem, trazendo o chapéu de cangaceiro, seus óculos e o nariz, estes últimos podem ser convertidos ao pênis masculino, trazendo a ideia de duplo sentido à imagem. Refletia-se as palavras de Strunck (2001, p. 57), no sentido de criação de uma identidade visual, onde uma ideia é repetidamente usada e tais elementos gráficos e visuais dão personalidade ao produto. E conforme Rodrigues (2010, p. 119), nas capas as chamadas são expostas a ponto de criar uma hierarquização de

importância a determinadas matérias, nestas chamadas sempre se tende a usar fontes mais chamativas, maiores e até uma mescla entre textos e imagens.

Figura 6: Logo do Lampião da Esquina



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

No Lampião da Esquina há uma confusão gráfica no sentido de criar uma chamada e esta não estar no corpo do jornal, como se essa utilização buscasse chamar a atenção do leitor puramente pela capa, ou quando havia alguma citação a determinada chamada esta era menos irrelevante quanto se imaginava ou dada tanta importância quanto o necessário. Como no Lampião da Esquina, ed. 31 - dezembro de 1980, uma das capas com menos informação lançadas pelo jornal, mas bem ao topo sem tem a chamada “MASTURBAÇÃO O PRAZER DA MAIORIA!” escrito em branco sobre um fundo vermelho vivo, dando indícios de uma busca pela atenção do leitor ao ponto de quase ocupar uma página inteira com uma única chama, a questão é a ligação indireta feita com a imagem abaixo de uma série de banhistas nus em uma praia, quase como se houvesse uma ligação entre masturbação e algo público como uma praia, fato que não se confirma na matéria em si, onde se fala de masturbação, mas a imagem dos banhistas equivale a matéria sobre o verão que nada tem a ver com masturbação. E por ser uma edição de dezembro ainda se faz um trocadilho com a palavra peru, que na capa poderia estar ligado a ave consumida na ceia natalina, mas a intenção é chamar atenção para uma matéria sobre os homens nas praias cariocas.

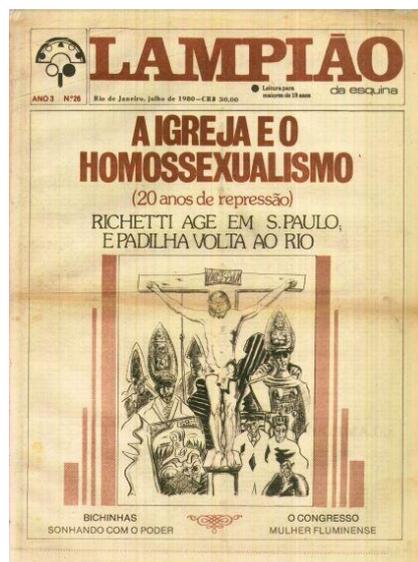
Figura 7: Capa Dezembro de 1980



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Apesar de uma regularidade em relação ao formato das capas, houveram números que trouxeram uma certa desordem nas capas, principalmente nos últimos números do jornal a questão acima citada, de trazer chamadas que não existiam no corpo do jornal ou a criação de um duplo sentido em relação as mesmas se tornou mais frequente, por vezes haviam tantos elementos que era difícil identificar as chamadas separadamente como o número 22 de março de 1980 onde tantas chamadas se unem em uma única capa que há uma confusão de direcionamento, a questão gráfica e topográfica é bem organizada, mas em uma única capa se fala de carnaval gay, travestis, lutas políticas e agressões a gays em Buenos Aires e uma chamada sobre homens nus. Ademais, um número foge às capas gritantes e chamativas típicas do Lampião, como o número 26 de julho de 1980 onde se tem uma chamada sobre “A igreja e o homossexualismo”, se observa uma capa mais neutra, tons mais claros e se tem o destaque de uma imagem de Jesus crucificado ao centro e membros da igreja ao fundo.

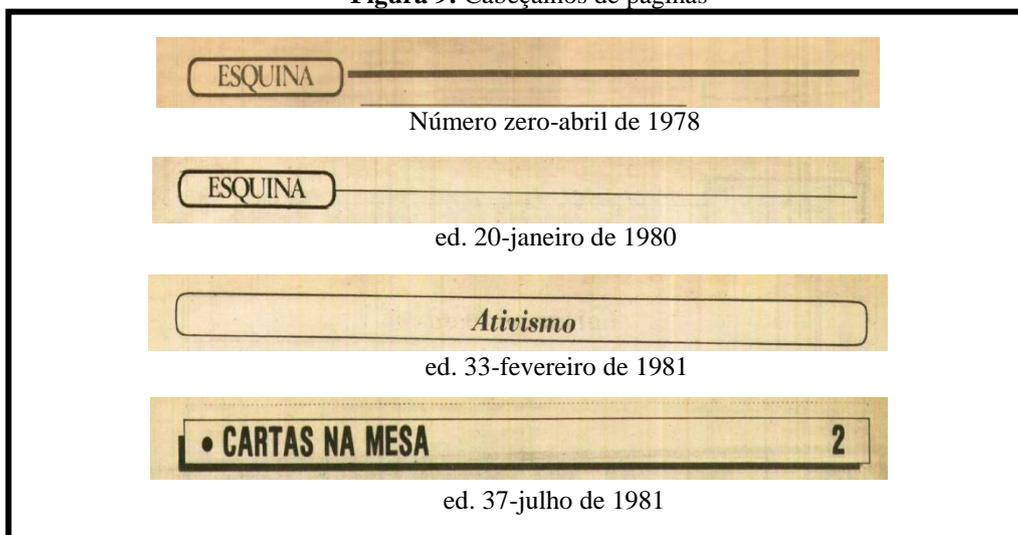
Figura 8: Capa de julho de 1980



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Houveram mudanças mínimas, quase que uma busca por inovação e renovação do layout nas páginas, nada tão significativo, mas que seguiu a tendência geral de mudança dentro do jornal, em relação a isso se pode notar uma mudança no cabeçalho das páginas onde eram apresentados os temas das colunas, principalmente entre as edições do Número Zero de 1978, Edição 33 de 1981 e a Edição final 37 de 1981. Até mesmo a diagramação sofreu uma mudança, haviam páginas com mais textos e outras com mais imagens, se notava uma divisão obvia entre as colunas que tendiam a ter mais texto e as que buscavam apresentar mais imagens.

Figura 9: Cabeçalhos de páginas



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

3.4 As temáticas abordadas e sua disposição nas páginas.

Algo notório no lampião da esquina foi algumas mudanças dadas em relação a posição de determinadas colunas no interior do jornal. Tal mudança é comum em qualquer jornal, mas o que se pode perceber no Lampião foi a importância dada a algumas colunas e por isso foram mudadas de página, não foi algo abrupto ou de tamanha relevância, mas correspondeu a uma mudança ideológica ou de ideias do grupo de editores. Entre o Número Zero de abril de 1978 e o Número 19 de dezembro 1979 o Lampião experimentou uma calmaria em relação a estas mudanças, as colunas mantiveram uma ordem relativamente igual nestas edições, haviam as colunas Opinião, Esquina, Reportagem, Ensaio, Entrevista, Tendências, Cartas na Mesa e Literatura. A mudança repentina veio no número seguinte, já na edição 20, de janeiro de 1980 algumas colunas foram rebatizadas, o jornal começa a ter um discurso mais intenso em relação à violência e ao comportamento político dos grupos homossexuais. Se inseriu assim a coluna Violência, Ativismo, Festim e Bofarada.

O que se pode observar nesta mudança em relação à inserção de novas colunas temática está a importância dada a temas mais diversificados e uma abrangência maior de grupos e discursos, não que antes não houvesse essa diversidade de debates, mas o que se nota é uma maior divisão nos temas, uma categorização maior, o que antes era apresentado em colunas como Opinião e Ensaio se voltaram à coluna Violência e Ativismo, alguns temas que eram discutidos na coluna Esquina começou a ser analisado na coluna Festim. O que mais destoou foi a inserção da coluna Bofarada no Número 22, de março de 1980, apontando a tendência de inserção de ensaios eróticos e um discurso mais pornográfico dentro do Lampião.

A disposição das colunas sofreria uma mudança mais direta em relação a que trazia as Cartas na Mesa, esta coluna começou a ter uma certa notoriedade a partir da edição 31 de dezembro de 1980 onde se deslocou das últimas páginas para a página dois, nesta coluna se buscava apresentar cartas e recados enviados à edição do jornal com opiniões, sugestões sobre temas e sobre o jornal, críticas negativas e positivas e era espaço de resposta do próprio jornal a estas cartas.

A ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. (LAMPIÃO, Número Zero, 1978, p. 14)

O que se nota é que a atenção dada a esta coluna tendeu a crescer, algumas críticas mais formadas foram sendo recebidas e se via uma opinião mais diversificada sobre o jornal. Em uma comparação feita entre as primeiras cartas recebidas, entre as recebidas quando o jornal estava no auge e entre as recebidas já nas últimas edições se pode notar essa maior firmeza nas opiniões.

Comprei o jornal numa banca de revista, aqui em Campina Grande. Mal pude acreditar no que meus olhos viam. Li de ponto a ponta, de uma só vez, com uma dor no estômago. Oh, my god, mas o que está acontecendo? Será que a tal abertura democrática, a gente poder comprar na esquina de casa um jornal de divinas tias? Digam que não estou sonhando. Confirmem que LAMPIÃO chegará a Campina Grande todos os meses, garantam (...). Vou escrever para vocês todos os meses. M. C. L. Campina Grande – Paraíba (LAMPIÃO DA ESQUINA, ed. 03, 1978, p. 15)

Caros Lampiônicos: Gostaria que fosse publicado nas "Cartas na Mesa" a proposta abaixo: 1º) Todo guei tente organizar-se em grupos para debater seus problemas e lutar por seus direitos. 2º) Um movimento de âmbito nacional seria formado, posteriormente, a partir dos grupos. 3º) A condição para ser membro de um grupo ou do movimento nacional, é ser guei (bicha, lésbica, etc.) Não se exclui, contudo, a possibilidade de membros honorários, nem o

contato e a colaboração com simpatizantes e outras minorias. 4º) O movimento nacional teria por finalidade não só o debate e a luta pelos direitos gueis, mas serviria também de veículo para a criação e a divulgação duma "Cultura guei" (existe? Será possível no Brasil atual?) 5º) Os direitos das minorias, só podendo ser respeitados numa sociedade democrática, o movimento nacional guei deveria fazer frente única com todas as forças interessadas na instauração de uma verdadeira democracia econômica, política e social no Brasil. 6º) Uma tarefa importante dos grupos e do movimento seria conscientizar o maior número possível de gueis, não só das formas específicas de opressão e alienação de que são vítimas, mas também das mais gerais e mais amplas. Fazê-los compreender que são manipulados e que correm risco, como indivíduo e como grupo, de perseguição e extermínio se não lutarem por seus direitos e não se integrarem, como indivíduos e grupo, a uma luta mais ampla por uma autêntica democracia. Em suma, assumir o gueto, mas recuar o confinamento nele. Sei que tudo isso parece paranóia, mas o Lampião também, antes de ser realidade foi paranóia. Os movimentos gueis nas áreas desenvolvidas idem. Portanto, às armas, irmãos. Ótima a entrevista coma o F. Gabeira. Continuem dando cobertura aos movimentos negros (eu seu branco), que diabo, eles são mais da metade do país, já deviam possuir até rede nacional de TV. Não estou criticando-os por isso (o que seria racismo), mais sim a estimulá-los. Apropriem-se "desse mais da metade" que é de vocês Lenina Portoguei - Porto Alegre. (LAMPIÃO DA ESQUINA, ed. 20, 1980, p. 18)

Queridos Iampionicos: como talvez alguns de vocês saibam, estou escrevendo uma tese de mestrado sob orientação de Peter Fry, sobre a fase heróica do movimento homossexual (i.é. até o racha do Somos/SP). Para este trabalho tem sido de vital importância a minha coleção de Lampião, o único órgão da imprensa que veiculou infamações confiável sobre o assunto. Infelizmente alguém "tomou emprestado" o meu exemplar do número 10 de março de 1979, e este me é de maior importância, por conter um relato da Semana de Minorias da USP que marcou a estreia pública do grupo Somos/SP. Edward MacRae - São Paulo. (LAMPIÃO DA ESQUINA, ed. 37, 1981, p. 2)

A diversificação de opiniões levou o lampião da Esquina a dar mais atenção às cartas e a responde-las dentro do próprio jornal, criou-se uma aproximação maior com o público e conseguiu-se pôr em prática algumas das opiniões dadas pelos leitores. A mudança de posição entre a coluna Cartas na Mesa, a troca entre das últimas para as primeiras páginas, além de demonstrar essa importância de opinião, conseguiu atrair mais o leitor e dar sinais de maior credibilidade ao que foi dito pelos mesmos.

Discutir temas variados também foi basilar para a estruturação do jornal. Desde seu primórdio já era possível notar essa multiplicidade de temas distribuídos nas várias colunas do periódico. De modo geral não se tinha um encaixe fixo entre a temática discutida e o tema da coluna, era de certo que havia uma previa divisão no que diz respeito a algumas colunas, como por exemplo, a coluna Entrevista buscava entrevistar representantes de determinado movimento social ou figura pública do meio homossexual ou não. O leque de discussões variava bastante nas entrevistas, abrangiam temas em alta no momento ou que eram de importância social ou se direcionava a um fato ou grupo específico. Entre o número 13 de 1979 e o número 37 de 1981

foram publicadas vinte entrevistas, discutindo movimento homossexual, negro e lésbico, política, religião e cinema.

Ao contrário dos outros cineastas, ele não teme o seu lado guei. Nos embalos de Calmon - n° 13 – 1979.

O Movimento Louco-Lésbico da França (Ou bicha com bicha não dá lagartixa) – n° 14 – 1979.

"Amante latino": um machão que não dá susto. Paulo Coelho diz como criou Sidney Magal – n° 15 – 1979

'Nessa democracia quem governa é a minoria branca'. Qual o lugar dos negros no Brasil? Abdias Nascimento responde. – n° 15 – 1979.

As confissões de Helena Brandão, ou Darlene Glória. – n° 16 – 1979.

Zezé Motta, negra e mulher-bicha. – n°19 – 1979.

Uma igreja para o povo guei? – n° 23 – 1980.

Na última entrevista de Jean-Paul Sartre, um único tema: os homossexuais. – n° 27 – 1980.

"Bent": para o seu diretor, uma bandeira dos reprimidos. – n°34 – 1981.

"Prova de Fogo": a religião do erotismo. – n° 36 – 1981.

Nas demais colunas se buscava trabalhar mais com a variedade, trazendo temas que não necessariamente eram fixos, debatia-se de forma mais fluida, não sendo exatamente necessário buscar um único formato como nas entrevistas. Da mesma forma a coluna Tendências sempre buscava tendências relevantes sobre os meios culturais e midiáticos, era bem comum se trazer uma resenha sobre o livro, a peça teatral, o disco musical ou o filme, em sua maioria a temática central era as produções homossexuais, mas alguns casos se tinham resenham sobre filmes que eram julgados como importantes ou chamativos pelos atores ou pelo enredo. Mas o que se via nas colunas Esquina e Opinião era essa miscelânea de temas e tipos de texto, quando a coluna Violência começou a ser publicada eram mais comuns alguns debates sobre segurança pública e grupos atingidos pela violência nos grandes centros urbanos.

Transexualismo: um julgamento moral. – n° 05 – 1978.

Lord Cornbury? Uma audaciosa. – n° 09 – 1979.

E se Gilberto Freyre também fosse negro? – n° 13 – 1979.

Um esquadrão mata-bicha? – n° 20 – 1980.

Tudo sobre o carnaval das bichas. – n° 21 – 1980.

São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. – n° 26 – 1980.

O vaivém da poesia pornô. – n° 35 – 1981.

A coluna Ensaio foi bem mais recorrente nos primeiros números do jornal, perdendo seu espaço para outras e tendo seus debates inseridos em outras colunas, de qualquer maneira, as tiragens que possuíam a esta coluna acrescentavam um texto mais complexo e com uma opinião mais dura sobre o que buscava discutir. E buscava diretamente apresentar a temática com um fim mais pessoal, do olhar do autor. Como estes dois ensaios, de Reginaldo Prandi e Jairo Ferreira, respectivamente.

Homossexualismo: duas teses acadêmicas. – n° 11 – 1979.

Udigrudi: os marginais do cinemão brasileiro. – n° 03 – 1978.

Outras colunas foram sendo inseridas ao longo das edições do jornal, algumas com a intenção de trazer uma interpessoalidade e atingir mais a intimidade do leitor, a exemplo disso estavam alguns textículos posicionados nos meios das páginas e dentro de alguns quadros, não especificamente colunas do jornal, algo como textos distrativos, mas que traziam temas sérios de forma mais leve ou mesmo com objetivo puramente de entretenimento, como o Bixórdia, troca-troca. Esta última seria como um local de anúncios para os solteiros ou para os que buscavam relacionamentos sérios ou apenas sexo, uma tática prática e que tendeu a acompanhar todos os números do jornal.

(Se você está interessado em trocar correspondência mande seu anúncio para esta seção. É grátis, a gente não cobra nada para publica-los. SÓ que o texto não pode ser muito longo, se não sobra pouco espaço para os outro.)

UNIVERSITÁRIO, 21 anos, quer se relacionar com jovem, Fábio Agulan. Rua Voluntários de Piracicaba, 776, CEP 13400, Piracicaba, SP.

MORENO. 1,70m, estudante, olhos e cabelo castanhos, 19 anos, quer se corresponder com pessoas de todas as partes. João Tolembeg. Av. N.S. de Copacabana, 386/1202. Rio de Janeiro, RJ.

AUSTRALIANO, quer se corresponder com rapazes brasileiros que lhe apresentem por fotos, nossas famosas tangas. Stephen Starkey. 83 Corrington Road, Randwich, Sidney. Austrália. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, ed. 19, 1979, p. 8)

Uma outra coluna um pouco mais controversa começou a ser publicada nos últimos números do jornal, Bofarada tendeu a discutir mais sobre o erotismo e o provocativo, a intenção da coluna era trazer diretamente ensaios eróticos explícitos, começou como uma coluna sobre

Figura 11: Menino do Rio, pra que te



Fonte: <https://www.grupodignidade.org.br/>

Diante da publicação explícita dos nus como um chamariz para leitores levanta-se o debate sobre a necessidade de o fazer-lo e qual a razão de iniciar tais publicações apenas após um ano de vida do jornal, além de suscitar o discurso sobre o corpo masculino e seu nu, sobre a atratividade do jornal e sobre a pornografia em si. Tendo em vista estes eixos é possível criar uma linha de análise sobre seus pontos de conexão e afastamento, além de discutir a maturidade do próprio jornal e a responsabilidade de expor uma temática até então delicada em relação ao meio masculino. A partir disso este tópico se norteara, buscando mostrar a relação entre corpo e sociedade.

Pensar o corpo extrapola o entendimento deste como sendo uma entidade constituída apenas pelas estruturas biológicas e pelas concepções fisiológicas e naturalizantes portadora dos instintos e anatomia que o ser humano possui. Certamente que essas concepções não podem ser descartadas quando se pensa nas formas de entendimento do corpo, todavia, este também pode ser interpretado como sendo uma representação da cultura do indivíduo que comporta esse corpo. As condições biológicas e culturais se tornam influências importantes para compreender as representações e formas de entendimento do corpo. (AMARAL, 2013, p.17)

Ao sair da esfera biológica e física o corpo se torna apenas uma forma, deixa de ser algo meramente físico, palpável e se transforma em algo fluido, com inúmeras nuances e possibilidades. Ademais, é impossível separar o corpo físico do cultural por completo, um sempre será dependente do outro, fomos formados em uma sociedade que foi educada a olhar o corpo físico e não fazer o exercício de distinguir o físico do social, é trabalhoso fazer-lo, porém não nos cabe a priori. O que cabe lembrar é que o corpo é influenciável, moldável e serve de instrumento, o que o Lâmpião da Esquina pretendeu foi trabalhar algumas dessas possibilidades.

O corpo – que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura. (...) ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometerimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta (BORDO, 1997, p.19).

No decorrer dos séculos a transformação do corpo foi notória, cada sociedade busca molda-lo e esculpi-lo a sua imagem, longe de ser uma cópia exata entre os meios e os períodos, o corpo tendeu a se comportar de forma fluida, nesse sentido tem-se a primeira aproximação entre o corpo físico e o cultural, em determinados períodos históricos temos uma junção e um complemento entre essas duas formas de ver o corpo, como no Mundo Antigo onde a união entre a forma e a cultura tendia a favorecer corpos esculturais, uma carga de músculos feitos para a guerra, mas que influenciariam seu desenvolvimento social, na Grécia Antiga dorsos esculpidos trariam imagem de virilidade e força, além de impor certo respeito social, diferentemente do corpo na pré-história que era construído apenas para a sobrevivência, os códigos sociais não eram bastante para haver uma necessidade de um corpo social, mesmo que corpos maiores e mais desenvolvidos fisicamente tendiam a sobreviver, geneticamente falando.

O ponto mais amplo de diferenciação entre estes dois exemplos está especificamente no social, enquanto o corpo era símbolo de sobrevivência passou a ser exemplo de liberdade social quando se dava liberdade ao corpo no Mundo Antigo dava-se liberdade ao ser social, o corpo exposto indica a total liberdade democrática dada ao indivíduo como indicado por Fábio Lessa (2003, p.49) que a nudez seria uma forma democrática do governo ateniense, evidenciando a liberdade de pensamento individual que confirmava sua imagem de cidadão, o nu em si iria além do corpo despido, valia-se como uma representação social do indivíduo livre.

Em contrapartida a essa liberdade, com a ascensão da Igreja Católica o controle sobre o corpo se intensificou, a sociedade medieval compartilha de uma simbologia dupla, entre o físico e o espiritual e isso vem a interferir diretamente sobre o corpo e sua identidade física e social. Além dessa simbologia dupla do comportamento havia a dualidade entre o corpo enquanto fonte do pecado e instrumento divino, dessa forma era buscado o maior controle possível sobre este corpo para que possa tender somente ao lado divino, criou-se inúmeras barreiras e proibições sobre o corpo, afim de torna-lo o mais inviolável e incorrupto possível, isso espiritualmente falando.

O corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. (...) Não era um corpo contido pela musculatura. Nada dessa couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para se retenham, para que se escondam. Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites

do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual. (RODRIGUES, 1999, p.84)

Na contramão ao sentido íntimo colocado ao corpo enquanto instrumento religioso, na Era Medieval os discursos sobre higienização e o corpo enquanto sentido privado do comportamento não era tão influente, a exemplo disso eram as relações entre higiene, individualidade, alimentação e até práticas sexuais, haja visto que estes comportamentos eram tão públicos quanto qualquer outro nesse momento. Havia a distinção entre o corpo físico que possuía uma imagem pública, no sentido oposto de privado e um sentido individual que deveria obedecer às normas da Igreja Católica. Muito desse comportamento poderia se dar pela precariedade estrutural e social, onde se buscou tanto o controle espiritual e pouco se ligava ao meio público e de organização social.

Ao avançarmos a Era moderna encontraremos a ideia de um corpo dividido entre os vestígios do passado medieval e a necessidade do descobrimento do mesmo, mesmo sendo algo ainda sagrado iniciou-se uma corrida para “biologizar”, estudando-o físico e identitária, o corpo começa a tornar-se o centro de estudos importantes a respeito do comportamento individual, principalmente com as influências das ciências humanas em ascensão. Tem-se a ideia dupla entre o corpo físico/biológico e sua face psíquica, para além das necessidades físicas e fisiológicas o corpo começa a ser notado por seu potencial psicológico que estaria dissociado do meio físico. Mesmo com uma considerada influência religiosa o comportamento do homem físico une-se a sua alma, esta dualidade fruto do medieval não é mais encontrada após o início do Iluminismo. Outro fator acrescentado neste momento é a importância dada à higiene pessoal e a uso do corpo como instrumento de sobrevivência com a intensificação do capitalismo. É a partir do desenvolvimento moderno que se é construído um corpo voltado ao trabalho, literalmente como instrumento, é aqui que a força de trabalho se torna fundamental social e individualmente.

O corpo se reconfigura novamente na intenção de promover a vida e permanecer em constante dinamismo devido à interferência dos choques culturais e a criação de novos modos de representação. O avanço da Medicina e oferta de produtos de beleza e higiene reconfiguraram o corpo na contemporaneidade, os cuidados com o corpo moldaram os comportamentos do cotidiano, no sentido de promover ações para a higiene. (AMARAL, 2013, p. 27)

Após a Revolução Industrial as mudanças sociais se intensificaram de forma gritante, as mudanças sociais eram constantes e o desenvolvimento tecnológico se tornam fonte econômica. Com isso o corpo tende a ter sua parcela nas mudanças, a intensidade dos estudos sobre o corpo fisiológico cresce junto ao desenvolvimento da medicina e até mesmo ao

desenvolvimento dos estudos psíquicos. O corpo começa a receber uma série de estudos diferentes relacionados à saúde. É nesse período que tudo se volta ao bem-estar social, há uma crescente ascensão de mudanças que visam proporcionar um ambiente mais limpo, organizado e saudável, assim há uma reorganização dos espaços urbanos.

As muitas mudanças ocorridas no entorno do corpo comprovam a necessidade humana de adaptação em relação ao seu meio social, o corpo é moldado pelo externo e pelo interno, o que se vê atualmente é essa necessidade do externo, da busca pelo lado físico do corpo e a máscara criada sob o discurso da saúde. Tal forma de ver o corpo não nasceu repentinamente, toda evolução do corpo enquanto instrumento de uso pessoal destinado ao ego e ao público é fonte de uma evolução constante que surgiria ao final do século XX, onde o discurso da saúde extrapolaria o meio privado e passaria ao público, mas diferentemente do século XIX por exemplo, o que se tem é a construção de um molde, o corpo deveria obedecer tal modelo para ser aceitável e isso se intensificaria ainda mais com as mídias modernas, principalmente as voltadas ao entretenimento. Assim, após a crescente onda do olhar para o corpo como público e do modelo de corpo perfeito é que nos deparamos com o corpo enquanto instrumento no sentido econômico e de atratividades.

Neste cenário tem-se a crescente onda do uso da imagem do corpo para entretenimento, mesmo que não fisicamente, a exemplo disso temos a circulação de revistas eróticas e pornográficas principalmente após a segunda metade do século XX, como a Playboy que chegaria no Brasil em 1975, a revista Sexy que era nacional e circularia a partir de 1992, no meio gay surgiria a The Advocate em 1967 nos Estados Unidos e em território nacional a revista Músculo em 1953 e SuiGeneris em 1995, por fim a mais conhecida, a GMagazine. Neste entre meio nasce o jornal Lampião da Esquina e em seu número de 1980 apresenta o primeiro nu masculino de suas edições. Desta maneira, o que alguns veem como um direcionamento apenas ao pornográfico nota-se que o jornal seguiria uma tendência internacional e nacional de trabalhar mercadologicamente com o nu masculino. Não sendo puramente pornográfico, o que se pode observar seria uma jogada de marketing dos editores para buscar atrair mais seu público leitor, além disso o jornal foi o maior meio de circulação entre o público homossexual e isso o dava um certo alcance, haja vista que outras revistas com conteúdo eróticos e pornográficos gay estavam em decadência ou extintas.

Neste momento, o que se observa é a mudança dada ao corpo e ao nu em si, o que antes era voltado ao corpo como instrumento privado e pessoal e até mesmo público enquanto instrumento do capital, da medicina e da saúde, com o acréscimo do viés pornográfico o corpo

perde seu sentido de pudor, o que antes seria no máximo tratado como erótico, que mesmo explícito ainda carregava uma aura de pudor, mas ao trazer o uso mercadológico do corpo se tem uma outra visão sobre esse corpo, tendeu-se a equiparar o corpo exposto em uma revista adulta diretamente ao sentido da pornografia, mesmo que tais imagens nem apareçam nuas explicitamente em alguns casos.

Para começar, o próprio termo —pornografia designa uma realidade sobre a qual todos pensam não haver mistério algum: se a —sexualidade se beneficia da aura de um autêntico problema filosófico, se o —erotismo dá testemunho de um elevado grau de civilização, a pornografia é tida na conta daquela que remete o homem àquilo que ele tem de mais evidente e de mais elementar. Uma demonstração disso é o caráter eminentemente pejorativo do adjetivo —pornográfico, cuja utilização basta para desqualificar tudo aquilo a que ela esteja associado. (MAINGUENEAU, 2010, p.9)

É a partir do pornográfico que se tem a perda a ideia de civilidade em relação ao corpo, este termo seria assim um polarizador, mesmo que nem todo sentido erótico seja direcionado ao pornográfico, criou-se uma teia de ligação intensa entre o nu, o corpo e o pornográfico. Como o próprio Maingueneau (2010, p. 13), em sua obra sobre o discurso pornográfico, comenta que o termo pornografia é uma derivação construída ainda no século XIX, sendo relativamente recente, e sendo trazido do grego antigo “porné” que significava prostituta o termo atual ainda carregaria esse estigma, mesmo sendo mais relacionado atualmente ao obsceno.

Desta forma seria muito fácil ligar a publicação de fotos e nus frontais no jornal *Lampião da Esquina* puramente ao discurso e entretenimento pornográfico, entretanto, a análise que se pode fazer é que o jornal não necessariamente tornou-se pornográfico, o que se nota são fatores diversos que o fizeram aderir à divulgação de determinados tipos de imagens. Inicia-se pela liberdade dada ao corpo da modernidade à atualidade, o que se experimentou foi uma libertação do corpo, não sendo este instrumento de um único viés, se tinha o corpo físico/biológico estudado pela medicina, o corpo construído no entorno do psicológico, o corpo enquanto modelo de saúde, por fim, um corpo livre e altamente estudado e que se moldou socialmente ao ponto de ser seu próprio instrumento, adquirindo a liberdade social e individual. Chegamos assim ao discurso sobre o nu, termo que diverge entre a liberdade do corpo e o aprisionamento ao termo pornográfico que ainda é retrogrado e o direciona a extinção do pudor.

O que se nota dentro do *Lampião* é a capacidade de trabalhar com o corpo em todas essas faces, um trabalho delicado, porém possível. O que se observa dentro do jornal é um trabalho sobre o corpo enquanto modelo de ativismo e de uma liberdade adquirida diante de

grandes batalhas, uma diversidade de discursos sobre tal corpo e suas formas e usos, dando assim abertura ao nudismo corporal que é muito ligado ao pornográfico, mas que se tornaria instrumento econômico do próprio jornal, sendo utilizado para atrair e como uma forma livre de ativismo, retirando aos poucos o estigma do corpo escondido e do nu como pecado. Entretanto este mesmo uso das imagens eróticas criou uma tensão interna, como apontado por Valmir Costa (2011, p. 190) e o jornal começou a sofrer boicotes por parte dos distribuidores e preconceito por parte dos anunciantes, saindo assim de circulação após o número 37 de junho de 1981.

3.6 O homoerotismo nos textos literários do lampião da esquina.

A construção de uma subjetividade se torna algo inerente ao indivíduo a partir do momento em que este toma frente a suas escolhas e decide por si só reconstruir paradigmas que por muito tempo foi imposto a ele por outros. Na homossexualidade isso se dá partindo da primícia que até recentemente, os discursos médicos, psicológicos e políticos construíam a forma que ele deveria ser retratado, seus comportamentos e influências sobre suas ações. Com o nascimento de um movimento mais encorpado, de lutas mais diretas, o indivíduo homossexual consegue escrever seu próprio desenvolvimento. Junto a esta construção de si, suas subjetividades vão sendo molduradas, reescritas e o prisma de sua sexualidade tende a desenvolver lados que só ele mesmo tem a capacidade de alcançar.

O desenvolvimento pessoal leva assim a uma abertura maior que não se liga somente a sexualidade ou ao corpo em si, é possível redesenhar sua forma de comportamento, seu empoderamento e até mesmo tomar para si algo que antes era pejorativo ou motivo de diminuição e reconstruir tais colocações ao seu favor, como signos e palavras que eram dadas como pejorativas tomam um novo rumo e se tornam fonte de empoderamento. Na literatura há uma escrita de si no sentido de falar abertamente o que se sente ou de seus desejos, escrever sobre o relacionamento de pessoas do mesmo sexo se torna algo mais fluido.

Partindo assim para o homoerotismo, é notório a existência de textos que citam ou descrevem o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, entretanto há a necessidade de mascarar alguns desejos, é sabido que há um desejo, mas este dente a ficar subentendido, principalmente por fatores externos ao texto. Tudo isso nos traz ao Lâmpião da Esquina como ponto de partida, neste jornal é possível encontrar textos que falam abertamente sobre desejos

e sentimentos homoeróticos. Mesmo longe das grandes mídias, dos grandes livros publicados, tais textos nos dão noção da abertura mais direta ao sentimento e ao desejo entre indivíduos homoeroticamente inclinados.

Dentre as colunas e os varios textos publicados no jornal *Lampião da Esquina*, nossa seleção se deu primeiramente na escolha da coluna literatura que foi uma das mais presentes no jornal, trazendo textos literários diversificados de autores já conhecidos e de autores que estavam sendo apresentado naquele momento ao público, expunha-se assim poemas, poesias, crônicas e microcontos que retratavam diretamente do comportamento homoafetivo. Os autores, sendo de ambos os gêneros que tinham seus textos enviados passariam por uma seleção previa de Gasparino Damata responsável pela coluna literária. Como descrito na Edição Experimental do número zero.

Dentre os poemas enviados à nossa redação, Gasparino Damata mensalmente selecionará alguns para publicação mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana - a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal. (LAMPIÃO, 1978, p. 10)

Além do enfoque lírico que representasse a sexualidade e o interesse do leitor, a abertura se dava a autores não conhecidos buscando autores talentosos e jovens como citado no mesmo número de 1987, “Entre publicar poetas consagrados e dar vez aos jovens, nosso jornal escolheu o segundo caminho, e resolveu abrir esta página a todos os que se dediquem com talento e verdadeiro empenho à poesia”. A princípio nota-se a importância desta escolha, principalmente por criar uma interação com o público e por dar abertura a homossexuais que teriam potencial, mas que não conseguiriam abertura financeira ou pela temática dos textos.

Feito esta primeira seleção pela coluna literária, os textos literários poderiam ser então selecionados por algumas temáticas ou conteúdo mais presente. O que se notou já em uma leitura prévia é que os textos, mesmo sendo moldados por personagens homossexuais ou fatos ligados a eles, haviam temas mais recorrentes em alguns, como a paixão, a violência, o medo, a descoberta da sexualidade ou do prazer ou alguns poucos textos que fogem dessas especificações. O que se pretende então é trazer essa forma de seleção para melhor organizar os textos, sendo ela mais prática que trabalhar por ano de publicação ou por número do jornal, já que seria mais demorado e repetitivo.

O que não se abrirá mão de discutir a forma que os textos são compostos no sentido da representação literária, todos os textos selecionados obedecem ao parâmetro geral de apresentar uma relação homoerótica entre os personagens ou no enredo de forma geral, isso será a base

para todas as análises. Como já colocado anteriormente, trabalhar com uma metodologia erótica ou homoerótica nos dá a oportunidade de trazer à tona os conceitos mais estéticos das relações, nos afastando um pouco da questão sexual do texto e focando no desenvolvimento das relações e da profundidade dos comportamentos. Outro ponto importante é a possibilidade de ligar momentos e fatores histórico-sociais e externos ao texto à narrativa, como discutir os principais fatos que levariam a determinado comportamento do autor e do personagem, além de tentar discutir como houve a recepção do texto pelo leitor.

Analisar os textos do *Lampião da Esquina* parte da primícia de uma descrição do homoerotismo literário que vem descrever uma forma de relacionamento e de acontecimentos diversos, ligados a fatos que nem sempre são reais ou que realmente aconteceram, mas que buscam discorrer sobre um sentimento, sobre desejos escondidos ou sobre medos que acompanham o surgimento de uma relação entre pessoas do mesmo sexo. São textos que no geral fazem pensar sobre como a mente dos autores pensam o amor ou a atração, não diretamente o fato consumado, o sexo puramente dito ou o fato de haver uma relação entre os personagens. De forma geral, se entende um desejo que parece velado, mas que é descrito de forma lírica para o leitor, dando a entender que há uma vontade que vai mais além de consumir um ato.

Desde seu primeiro número, o jornal já busca publicar textos eróticos e que dizem respeito ao sentimento do autor, sendo que neste mesmo número já há uma nota em que foi preferível dar voz a autores não conhecidos, mas que produzem uma literatura composta por poemas, sonetos ou microcontos que trazem a temática homoerótica.

Entre publicar poetas consagrados e dar vez aos jovens, nosso jornal escolheu o segundo caminho, e resolveu abrir esta página a todos os que se dediquem com talento e verdadeiro empenho à poesia. Dentre os poemas enviados à nossa redação, Gasparino Da mata mensalmente selecionará alguns para publicação mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana - a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, n° 00, Abril de 1978)

Apesar da publicação de textos voltados para o entretenimento, é importante ressaltar, como o próprio editorial cita, tais textos devem obedecer alguns critérios, trazer uma descrição mais lírica e agradar a comunidade de leitores, abordar uma forma expressiva de sexualidade. É importante lembrar, que como já citado neste trabalho, o enfoque homoerótico busca ir além de relacionar a sexualidade a algo que carrega qualquer viés ideológico no sentido de ligar diretamente a sexualidade a um discurso histórico social que reduza tais indivíduos a

comportamentos já pré-estabelecidos pela história, pela medicina ou pela psicologia. Sendo assim, o que buscamos nestes textos é a descrição de uma relação que fuja dos estereótipos e que se mostre como uma relação de sentimento, de entrega, de paixão ou de sedução, não apenas que leve a um intuito sexual ou pornográfico.

Os três textos que abrem a coluna literária do Lampião da Esquina, já em seu Número Zero tem a autoria de Paulo Augusto, Leila Mícolis e Franklin Jorge, ambos de estados diferentes e com formas de produção literária distintas, mas que trazem uma composição subjetiva e fazem pensar uma forma de amor individual para cada autor ou que descrevem momentos, que mesmo não sendo verídicos, nos transportam para uma atmosfera mais real, dando ao leitor uma visão de que está nos locais descritos ou sentido o que o autor/escritor sente.

Na Pensão a Flor de Minas

O rapaz do quarto 14 é rebento. 24 anos, de tradicional família mineira.

Olhou nos meus olhos um dia seu pecado feito carne e viu meus cujos baterem.

Ele estremece, foge o olhar - mas fala.

Disse-me que tem muito medo.

Nas noites frias de junho ele atravessa a sala e demora-se no banheiro.

Passa pela minha porta, estou no leito, mas não vejo, sinto.

O chão de tábuas me diz que ele foi para lá ou que ele está de volta.

Me olha, estremece, tem medo.

Eu gosto de vê-lo assim e ele me parece feliz quando meus cílios batem e descobre no meu olho seu pecado feito gente.

Ouço tudo que acontece dentro dele no quarto 14.

Sua comunicação é na cama, quando gira, tosse, contorce seu medo - ela range, ele ruge, mas não tem coragem.

Deitado, espero, seu pecado, batendo os cílios e lembrando a disciplinar Minas Gerais.

Seu pecado, a vontade, deitado estou sempre, esperando que na ida para o banheiro a cupidez mineira da família tradicional permita o medo dele vir pelo meu quarto misturar na noite fria de junho nossas humanidades no pecado amplo, fofo, que deitado estou para isso...

Paulo Augusto

O autor nos transporta para um ambiente que lhe parece confortável, uma pensão em uma noite de junho. A forma que é descrito o comportamento do rapaz demonstra ao leitor um

certo medo, mas deixa claro um desejo escondido entre os personagens, em nenhum momento é descrito diretamente como foi o encontro, mas o que intriga o leitor é a forma que é descrito o momento da sedução, o olho no olho, o saber que um está próximo do outro, o ouvir e o sentir. O que mais chama atenção são os trocadilhos ou a mudança de palavras que o autor usa para descrever alguns momentos que acontecem fatos mais íntimos entre os dois ou com o rapaz. A troca de palavras ou termos atraem o leitor e deixam uma dualidade de sentidos, como no próprio título do poema em que se usa o termo “a Flor de Minas”, podendo ser interpretado como o nome da pensão ou como um trocadilho ao termo “à flor da pele”, já que o texto descreve uma sedução secreta entre o autor personagem e o rapaz descrito no texto, sendo este último de família tradicional e que poderia se opor ao relacionamento.

O momento do olhar no olho já na segunda estrofe, o reconhecimento do desejo, a vontade de poder sentir, porém o medo. O andar pelos corredores, a indecisão, a demora no banho, pensando o não no outro, tocando-se ou simplesmente criando possibilidades para assumir-se. O sentir o outro no escuro, o ouvir o outro ao longe. “ela range, ele ruge, mas não tem coragem”, os desejos aflorados que não são capazes de serem ditos publicamente, mas que existem, que são reais.

É possível sentir o desejo entre o autor personagem e o rapaz que é descrito no texto, a forma lírica em que os acontecimentos se desenrolam deixam a entender que há um sentimento, uma paixão ou um desejo, mas que também há um medo, nada é descrito de forma direta e cabe ao leitor imaginar o que se passa nas entrelinhas e o que poderia acontecer após as reticências no texto, é um texto não acabado, algo ainda vai acontecer entre os dois e o autor opta por não deixar um ponto final em sua obra.

O homoerostismo de forma geral busca essa possibilidade de trazer à tona um prazer, um desejo, uma vontade, sendo estes indo mais além da sexualidade. Tal forma de comportamento é inerente ao indivíduo de sexo masculino desde os primórdios da civilização, é possível observar na linha histórica o comportamento erótico entre os homens. A descrição de um gênero predominante que acompanha a ideia de construção social, os antigos Gregos que fundaram leis e códigos sobre a superioridade masculina, a igreja que predomina o Divino Masculino, o comportamento atual que faz o homem buscar o padrão de beleza que se iguale a outro homem que seja maior ou melhor que ele, o fato de buscar um comportamento diferente na presença de outros homens, e não é necessário buscar qualquer uma destas descrições em um sentido sexual, porém se não há uma sexualidade objetiva, há um erostismo subjetivo presente em todos estes comportamentos descritos.

Desta maneira é possível observar que a construção de um pensamento, de uma linha de raciocínio, ou em nosso caso, numa construção literária de textos diversos, há assim vestígios de um pensamento homoerótico, um desejo que foi construído e absorvido ao longo dos séculos e que traz mais liberdade ao indivíduo que algo sexualmente exposto.

Dentro da literatura do próprio Lampião da Esquina é claro ao observar elementos eróticos que sempre dão um ar de dualidade à escrita, estes elementos nos serão válidos para justificar a capacidade de criação de um produto final, nesse caso o texto, que nos dê uma noção de como a sexualidade está presente, mas que é tão bem, e necessariamente mascarada, que tronam a experiência com as obras mais enriquecedora, já que o texto constrói uma subjetividade tão precisa que traduz um desejo de forma que é possível sentir o que o autor quer que sintamos.

Antropofagia

Conduzo-te faminto
até a velha cama,
que é grande e redonda
como uma mesa de banquete.
Insalubres, nossas salivas
se confundem.
Rolam nossos corpus suados
sobre as tenras cobertas.
Bates persistente
contra o meu umbigo
com teu sexo -
peixe cego.
Arrancando-te os pelos das axilas,
de pura agonia gozo.

Franklin Jorge

O autor Franklin Jorge com sua obra Antropofagia, publicada no Número Zero de abril de 1978 no Lampião da Esquina, rebusca elementos diversos que erotizam um ato bem comum ao ser humano, entretanto, o que é possível retirar deste pequeno texto são detalhes mínimos que traduzem um misto de desejo e vontade, mesmo que não explicitando quem os sentem.

Desde o título da obra já se tem uma noção de dualidade de ideia que, não por acaso, constrói uma noção diferente ao ato descrito no texto. Segundo a Revista Mais Educação, “A utilização do termo “antropofágico” está relacionado a “antropofagia”, que refere-se ao ato de comer ou devorar a carne de outra pessoa. Dentro da história, ela é usada para apontar atos ritualísticos, no qual acredita-se que, ao comer a carne de um outro homem, a pessoa estaria adquirindo também as suas habilidades.” Comer a carne no sentido do texto não é necessariamente como o consumo comum de alimentos, mas traz a primeira noção de dualidade de expressão. Toda a construção do texto nos remete a um ritual, as escalas de frases e estrofes criam uma atmosfera ritualística na mente de quem o lê. O conduzir da oferenda, o altar para o ritual, a fome que transpassa o narrador. Ao momento que a antropofagia se mistura ao desejo da carne e não há apenas fome de carne, mas um misto de desejos e fluidos que terminam em uma agonia de gozo.

É interessante observar a utilização de elementos e descrição que constroem uma obra mais lírica e menos sexual, mesmo que se saiba do que se fala o texto, não é necessário apelar para uma descrição sexual do ato, o erotismo se encarrega da tradução dos sentimentos.

ODE

Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que tua cabeça adolescente
 Adormeceu cansada sobre os meus ombros.
 Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que teu espírito recebeu
 As minhas palavras
 E os teus olhos ardentes revelaram a tua ingênua compreensão
 Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que a minha música imóvel
 Penetrou o teu corpo e criou um ritmo novo para o teu ser
 Eu te falarei dos grandes instantes
 Em que te senti coroadado de violetas,
 Em que te senti pleno e perfeito,
 Espírito e glória, caloroso como os velhos vinhos.
 Eu te falarei da tua clara beleza,
 E farei com que a tua nudez
 Se revele no teu equilíbrio e no pudor perfeito,
 Glória jovem e dionisíaca,
 Glória eterna,

Fonte nascida para os altos pensamentos,
 Alma trágica como os poentes
 E simples como a água das fontes,
 Deus jovem, Deus da mocidade esplêndida,
 Filho do Grande Amor,
 Herói e Criança!
 Augusto Frederico Schimidt

(LAMPIÃO, 1978, p. 10)

Ode foge totalmente do erotismo dos textos anteriores e descreve um sentimento, que aparentemente vivido por alguém mais velho, é traduzido e descrito a alguém mais novo, divergência de idade que pode ser caracterizada por um sentimento recente ou por uma diferença de ideias, tudo que possa transmitir uma ideia de mais experiência ao narrador personagem. O conceito lírico em que a obra se encarrega de traduzir ao leitor é detalhadamente retirada de qualquer pressentimento físico e transportada a um ar sentimental que se encarrega de trazer a quem lê um sentimento mais puro, mais delicado. Entretanto, assim como o homoerotismo não se traduz diretamente a um desejo sexual, o texto pode ser a tradução de um desejo entre qualquer nível de relacionamento, uma carta a um amigo, a descrição de um diálogo entre pai e filho ou entre irmão.

O texto de Augusto Frederico Schimidt é um dos que melhor traduz a ideia de homoerotismo descrita neste trabalho. O texto é uma fuga total do intuito sexual de uma relação, traduzindo assim um sentimento e um desejo que vai além de uma intenção sexual ou de um ato puramente sexual. Ele se traduz em um sentimento que deixa a entender que há uma ligação que vai além do físico, mesmo sem esconder qualquer desejo erótico que possa vir a existir. Seria ele o ápice de uma relação homoerótica, prevalecendo o respeito, o sentimento e um desejo que foge da ideia central que a homossexualidade não consegue fugir, nesta há um intuito mais sexual que se apresenta, principalmente pela construção histórica e social que foi atrelada a ela, onde, se há uma relação homoafetiva não há necessariamente apenas sentimento e sim já é colocada a esta relação uma intenção sexual, mesmo que isso não ocorra de fato, mas socialmente isso já foi instituído e arraigado que não é possível fugir dessa ideia tão facilmente.

Ao nos debruçarmos sobre os três textos podemos ter uma noção escalonada de como se constrói o conceito de homoerotismo que tanto foi debatido neste trabalho. No texto “Na Pensão a Flor de Minas” nos é apresentado o medo, o receio da entrega, não necessariamente uma entrega física, mas até mesmo ao sentimento, fica claro o que os dois personagens sentem, seus desejos e suas vontades, mas há uma atmosfera de busca pela descoberta que poderia se desenvolver caso haja

uma continuidade, mas foi preferível pelo autor uma reticências, deixando a cargo do leitor pensar o que poderia ter ocorrido após a narrativa. Antropofagia é mais erótico, é interessante observar que há mais liberdade, mesmo que o conceito sexual permaneça subentendido entre as estrofes, até mesmo na ideia de trazer o texto como a descrição de um ritual assim como no título, mas outra vez fica a cargo do leitor identificar seus próprios desejos na obra, sendo mais erótica que sexual. Por fim, ODE, que é o suprassumo da ideia homoerótica de Jurandir Costa, uma narrativa que foge da sexualidade e entrega um conceito homoerótico que não se liga diretamente a ideia homoafetiva, como a intenção social que torna o relacionamento homossexual ligado puramente ao sexo, impossibilitando a ideia de haver um afeto homoafetivo entre pai e filho, irmão ou amigos.

Em suma, os textos aqui analisados dão uma noção direta desta pesquisa. A construção de uma narrativa homoerótica que transpassa a ideia sexual do comportamento entre pessoas do mesmo gênero. Todas as descrições até aqui apresentadas buscam causar uma fuga da descrição histórica ligada a homossexualidade, onde resume este comportamento a algo superficial, que mesmo tendo fugido das descrições médicas, psicanalíticas e psicológicas ainda não fugiram do conceito social de traduzir a homossexualidade como um desejo sexual e que se resume a uma atração sexual. Utilizando-nos dos conceitos direcionados ao homoerotismo descritos por Jurandir Costa, podemos ampliar o debate a ponto de criar uma linha de raciocínio que escape do conceito supracitado. Ao nos debruçarmos sobre o conceito, mesmo que básico, foi possível uma outra ótica sobre o comportamento descrito nos textos analisados. Jurandir Costa nos foi preciso a ponto de tornar-se didático o conceito de homoerotismo a fim de utilizarmos como base para esta pesquisa. Diante dos três textos apresentados, o *Lampião da Esquina* nos traduz a forma que o homoerotismo se encaixa em sua coluna literária, há sim outros muitos textos que podem ser analisados de forma a construir um ideário a respeito sobre outras facetas do comportamento e afetividade entre duas pessoas do mesmo sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de construir uma discussão em torno da sexualidade torna-se algo novo a cada viés em que se dá a análise, discorrer sobre qualquer forma de comportamento humano é necessariamente amedrontador e inovador, falar sobre identidades se torna algo delicado a partir do momento em que não somos capazes de discutir todas estas identidades de forma completa e nem tão só descreve-las por completo, independentemente do quão se afunile o debate. Entretanto, observar o comportamento humano e de longe uma das melhores sensações, tanto pelos vários prismas que um único comportamento pode ser visto, quanto pelas múltiplas formas que há uma mudança em tal comportamento. É necessário, por vezes, ser externo ao que se observa, mesmo que sua vivencia esteja diretamente ligada a aquilo a que se observa, neste caso, sair do ser homossexual para observar o próprio homossexual é um tanto reconfortante, da mesma forma que causa estranheza. Reconfortante, pois é ali que está minha “rotina social”, todo que sou e o que me moldou, e estranho, pois, ao escolher um outro traço do comportamento é possível notar que algo tão simples se torna algo profundo e que é vivido de forma tão corriqueira que não é percebida.

A subjetividade do comportamento, neste caso o desenvolvimento do homoerotismo observado no prisma da literatura veio a abranger debates que se traduzem em um debate longo e com linhas de pensamentos diversas e divergentes. Nosso momento é o debate de como a literatura veio a influenciar o comportamento homoerótico ou o contrário. Ao entrarmos no debate foi possível decidir até que ponto é vantajoso discutir o homoerotismo a homossexualidade, primeiramente o termo homoerotismo não é discutido da forma que merece, sendo ele um viés de análise que abrange tanto o comportamento que por vezes é complicado afunila-lo, sendo este um dos seus pontos positivos, há sempre a possibilidade de observar algo novo.

(...) o erotismo não se deixa reduzir à pura sexualidade animal. Entre ambos existe uma diferença que não sei se devo chamar de essencial. Erotismo e sexualidade são reinos independentes, embora pertençam ao mesmo universo vital. Reinos sem fronteiras indefinidas, mutantes, em mútua interpenetração, sem jamais se fundir inteiramente. (PAZ, 1999, p. 21)

O erotismo não resume o comportamento ao sexo, este foi nosso primeiro objetivo no trabalho, o fato de fugir da sexualidade puramente dita nos dá a possibilidade de olhar o comportamento de um prisma mais profundo. Como o autor cita, erotismo e sexualidade são independentes, mesmo que suas fronteiras se entrelacem. Entretanto é possível distingui-los no

momento que queremos fugir de um discurso mais físico e nos ligarmos a um debate mais comportamental. É aí que o debate sobre uma literatura gay surge, buscando discutir até que ponto a literatura é gay ou feita para gays. Em que ponto se fala sobre a homossexualidade e onde o próprio homossexual fala de suas vivências e comportamentos e até mesmo onde o homossexual fala de suas relações e de seus relacionamentos, fatores diferentes a partir do momento que ligamos relações a uma forma mais física e relacionamentos a uma interação. Neste momento surge o homoerotismo para buscar uma alternativa ao segundo conceito, os relacionamentos entre homens pode ser homoeroticamente descrito e não necessariamente liga-se a um conceito de relação física.

Jurandir Freire Costa vem ser nosso principal aporte teórico já que este autor nos traz uma ideia mais didática de como usar o termo homoerotismo ao invés de homossexualidade, principalmente ao ligarmos tal conceito à literatura, que é o objetivo central desta pesquisa.

Teoricamente, como procuro mostrar, homoerotismo é preferível a “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos “homossexuais”, independentes do hábito linguístico que os criou. Eticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomeação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. (COSTA, 1992, p. 11).

Ao proferirmos uma palavra, por vezes, não temos uma noção da carga histórica e social que esta carrega, é nesse sentido que o autor nos traz a noção de como uma palavra tão comum na sociedade atual nos remete a diversas análises pré-concebidas sobre determinado comportamento. Homossexual ou homossexualidade ao mesmo tempo que nos remetem a uma série de lutas e descobertas, trazem em suas raízes sociais a forma que o comportamento homossexual foi estigmatizado, reprimido e refeito ao longo dos anos. Sendo assim, o autor prefere a fuga deste termo puramente dito, mesmo reconhecendo sua importância social atual, mas que, por vezes, é necessário olhar por outro ângulo. Assim ele busca discutir o termo homoerotismo já que este termo não se liga diretamente às raízes sociais citadas.

Literariamente falando, nesta pesquisa foi mais perspicaz a escolha do termo homoerótico, principalmente no último capítulo, já que foi possível uma observação e análise que não ligasse os textos a um viés sexual, trabalhando uma ótica mais profunda e diretamente ligada ao relacionamento e não a uma relação, sexual neste caso.

Todavia, é necessário remetermos a como a construção histórica e social da luta homossexual se deu ao longo dos últimos anos e toda sua evolução desde a década de 1960. Discutir os estigmas ligados a homossexualidade hoje nos parece mais simples, entretanto no passado próximo isso não era tão comum, principalmente nos momentos históricos em que o Brasil passou, neste caso a Ditadura Militar. Após longos anos de repressão houve a construção de um movimento social que se tornou a base para as lutas atuais e que foi duramente reprimido, sendo moldado e reestruturado ao longo destes anos até servir de fonte de libertação hoje.

Dentre os vários objetos de luta, sendo eles físicos ou ideológicos, surgiu na década de 1970 o *Lampião da Esquina* que hoje é uma das principais fontes históricas de estudos sobre o comportamento homossexual logo no início do movimento de libertação deste grupo de indivíduos. Trazendo debates diversos, falando de política, diversidade, sexualidade, literatura, sendo fonte de informação, principalmente para os estados do Sul e Sudeste, mas se espalhando para as principais capitais do Nordeste, o jornal foi fruto do ressurgimento da *Imprensa Alternativa* pós-ditadura, contando com nomes importantes em seu editorial e buscando debates a cultura e a atualidade gay do final do século XX.

Por fim, este trabalho que buscou resgatar a importância do jornal *Lampião da Esquina*, trazendo à tona os debates sobre a *Literatura Gay*, como tal forma de escrita se modificou ao longo dos anos dentro do Brasil, como a apropriação adquirida pelo próprio gay tornou a escrita sobre si uma fonte de luta e desenvolvimento social. Não obstante a isso, a escolha de discutir o homoerotismo no lugar do termo homoerótico dentro da literatura presente no *Lampião* nos fez olhar o texto de forma mais profunda, fugindo do debate sexual. Busco, por fim, lembrar que o nascimento de um movimento gay nacional proporcionou este debate, a liberdade que custou muito sangue hoje nos traz a possibilidade de falarmos sobre nossas vivências e resgatar o que historicamente foi construído como fonte de nosso orgulho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. **Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura no sobre o corpo masculino no jornal Lampião da Esquina e na revista Junior**. Bauru, São Paulo, 2013
- AZPITARTE, E. L. **Ética da Sexualidade e do Matrimônio**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BARCELLOS. **Literatura e Homoerotismo em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BORDO, Susan R.. **Gênero, corpo, conhecimento**. Trad. Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997
- CASS, Vivienne C. **Homosexual identity formation: A theoretical model**. Journal of homosexuality, v. 4, n. 3, p. 219-235, 1979.
- CASTRO, Mably Lopes de. **Um Breve Histórico da Literatura Homoerótica no Brasil**. UNIMONTES. Minas Gerais, 2017.
- CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. Editora Atica, 1995.
- COSTA, Horácio et al (org.) **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. EDUSP. 2010
- COSTA, Valmir. **Revistas gays made in Brazil, mas com sotaque estrangeiro**. Niterói, v.12, n.1, p. 183-212, 2. sem. 2011
- DIGNIDADE, Grupo. **O lampião da esquina**. 2016.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária. São Paulo, 2005. 304 p.
- FACCHINI, Regina; BARBOSA Regina Maria. **Dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.
- FAUSTINO, Natanael Araújo. **Homossexualidade nas Décadas de 1980 e 1990: o caso da cidade de Codó-MA**. Universidade Federal do Maranhão. Codó-MA. 2018.
- FERRAZ, Thaís. **Conheça a História do Movimento pelos Direitos LGBT**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>. Acessado em 30 de maio de 2019.
- FIGARI, Carlos. **@s" outr@s" Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Editora Ufmg, 2007.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre, 1996. Tese (dout.) Faced/PPGEDU/UFRGS
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cad. Pesqui., São Paulo , n. 114, p. 197-223, Nov. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742001000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 04 May 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – a vontade de saber**. Rio de janeiro, Edições Gaal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de Saber**. 11. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- FREIRE COSTA, Jurandir. **A ética e o espelho da cultura**. Rocco, 2000.
- FREIRE COSTA, Jurandir. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- FRY, Peter. **O que homossexualidade**. Abril Cultural Brasiliense. São Paulo, 1983.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. in: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade no Brasil do século XX**. FINO, Cristina; LEITE, Cássio Arantes (trad.). São Paulo, 2000
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Unesp, 2000.
- GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Ed.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, 2014.
- GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência ea busca da verdade**. EdUFSCar, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo soc., São Paulo , v. 26, n. 1, p. 61-73, June 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 02 Mar. 2021.
- HURLBURT, Allen. **Layout – o design da página impressa**. São Paulo: Nobel. 2002
Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira**. São Paulo: Escrita Editorial. 1991.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.
- LESSA, Fábio de Souza. **Corpo e cidadania em Atenas Clássica: Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro, p. 48-55, 2003.
- LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil**. *Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira do Interior. 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Parábola, 2010.

MAIOR JR, Paulo Roberto Souto. **Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 254 - 282. set./dez. 2016.

Mandarim, 1999.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **O LAMPIÃO DA ESQUINA: Homossexualidade e Religião na Imprensa Gay no Brasil (1978-1981)**. Paralellus (Online), v. 4, p. 323-334, 2013.

MARTÍNEZ EXPÓSITO, Alfredo. **La literatura gay española y el lugar de los estudios culturales**. Lectora, 17: 25-39. ISSN: 1136-5781 D.O.I.: 10.2436/20.8020.01.19 Recepció: 12 de gener 2011 - Acceptació: 5 d'abril 2011

MENDONÇA, Camila. **Movimento Antropofágico**. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/movimento-antropofagico>> Acessado em: 21 de abril de 2022.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, n. 21, p. 150-182, 2009.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito**. REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 40-59, março/maio 2001.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito**. REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 40-59, março/maio 2001.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. 2º ed. Sudermann. São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Gláucia da Silva Destro de. **Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT**. Cadernos Pagu 34 (2010): 373-381.

PAZ, Octavio. **Um mais além erótico: Sade**. Tradução Wladir Dupont. São Paulo:

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **Nus Masculinos: Sua Inserção no Jornal Lampião da Esquina**. Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1443. UNIOESTE, 2015.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. Publifolha. São Paulo, 2012

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil: Entre a militância e o consumo**. Publifolha, 2012.

PERUZZO, Cecília M. Rodrigues. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Vozes. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004. P. 342

PINTO. **Sexualidade Pós-Moderna**. Revista Cult, 2003.

PONTES JR., Geraldo Ramos. **Os estudos culturais e a crítica literária no Brasil**. Estud. Lit. Bras. Contemp., Brasília, n. 44, p. 17-36, Dec. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231640182014000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 04 May 2020.

RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (1998/1999), “**Dos estudos literários aos estudos culturais?**”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 61-83.

RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene. **Dos estudos literários aos estudos culturais?**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53. Universidade de Coimbra. 1999.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROSSINI, Maria Clara. **O que foi a Rebelião de Stonewall?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/>> Acessado em 12 de agosto de 2020.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Leitura, v. 1, n. 49, p. 83-108, 2012.

SILVA, Claudio Roberto da. **Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo**. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Mônica *et al.* **Família e orientação sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina**. Trends in Psychology / Temas em Psicologia – 2015, Vol. 23, nº 3, 677-692

SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. **SEXUALIDADE HOMOSSEXUAL NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA**. Revista TransVersos, [S.l.], n. 14, p. 165-186, jan. 2019. ISSN 2179-7528. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39336>>. Acesso em: 04 maio 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14^o ed. Petrópolis. Vozes. Rio de Janeiro, 2014

SIMÕES, Júlio Alves; FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Rafael de. **“Saindo do Gueto”: o Movimento Homossexual no Brasil da Abertura, 1978-1982**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

STRUNCK, Gilberto Luiz. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio Books, 2001.

TANGANELLI, Larissa de Rezende. **Há perigo na esquina: discursos dissidentes do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**. Campinas, SP. 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

TREVISAN, João Silvério: **Devassos no paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade** –Ed. revisada e ampliada- 8^a Ed. – RJ: Record, 2011.

REFERÊNCIAS *LAMPIÃO DA ESQUINA*

Senhores do Conselho. *Lampião da Esquina*, Número Zero, p. 2, 1978.

Nossa forma é a própria imagem da nossa alma- límpida e pura. *Lampião da Esquina*, Edição Extra 1, p. 2, dezembro de 1979.

Saindo do Gueto. *Lampião da Esquina*, Número Zero, p. 2, 1978.

Mulheres no Mundo Inteiro. *Lampião da Esquina*, Número Zero, p. 5, abril de 1978.

Coluna Literatura. *Lampião da Esquina*, Número Zero, p. 10, 1978.

Cartas na Mesa. *Lampião da Esquina*, Número Zero, p. 14, 1978.

Cartas na Mesa. *Lampião da Esquina*, ed. 03, p. 15, 1978.

Cartas na Mesa. *Lampião da Esquina*, ed. 20, p. 18, 1980.

Cartas na Mesa. *Lampião da Esquina*, ed. 37, p. 2, 1981.

Troca-Troca. *Lampião da Esquina*, ed. 19, p. 8, 1979.

Coluna Literatura – Edição Zero (1978), Edição 01 (maio/junho 1978)

- Na Pensão a Flor de Minas

- Antropofagia

- ODE